

**FACULDADES EST**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA**

ADEMILSON LOPES DE ASSUNÇÃO

A VIDA EM ABUNDÂNCIA E A CRISE GLOBAL DA ÁGUA

São Leopoldo

2015

ADEMILSON LOPES DE ASSUNÇÃO

A VIDA EM ABUNDÂNCIA E A CRISE GLOBAL DA ÁGUA

Trabalho Final de  
Mestrado Profissional  
Para a obtenção do grau de  
Mestre em Teologia  
Faculdades EST  
Programa de Pós-Graduação em Teologia  
Linha de Pesquisa: Leitura e Ensino da Bíblia

Orientador: Verner Hoefelmann

São Leopoldo

2015

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A851v Assunção, Ademilson Lopes de  
A vida em abundância e a crise global da água /  
Ademilson Lopes de Assunção ; orientador Verner  
Hoefelmann. – São Leopoldo : EST/PPG, 2015.  
56 p. ; 30 cm

Dissertação (mestrado) – Faculdades EST. Programa de  
Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,  
2015.

1. Água – Uso. 2. Ética ambiental. 3. Água –  
Conservação. 4. Água – Ensino bíblico. 5. Bíblia. João 10 –  
Crítica, interpretação, etc.. I. Hoefelmann, Verner. II. Título.



## RESUMO

A água é um recurso natural inestimável, pois é vital para o equilíbrio da vida, do ecossistema e dos ciclos biológicos. O planeta é coberto por aproximadamente 71% de água. Do total de água no planeta, menos de 3% é apropriado ao consumo humano. O uso indevido da água, a constante falta de consciência para com seu cuidado e o desperdício faz com que haja um impacto significativo na infraestrutura dos recursos hídricos. Este trabalho baseia-se em pesquisas e leituras a partir do material recolhido sobre a Campanha da Fraternidade (CF) de 2004, que busca a conscientização plena de nossa geração no uso apropriado da água como um bem comum, como dever e direito de cada cidadão no contexto real da sociedade brasileira. O tema da CF 2004, que apresentava a água como enfoque principal, tinha a preocupação com a preservação, o cuidado e uso adequado desse bem natural, que está constantemente ameaçado pelos interesses políticos e econômicos de alguns grupos, ou até mesmo da humanidade em geral. A busca desenfreada por poder, cada vez menos a serviço do povo, faz com que se passe por cima dos valores que deveriam prezar pelo bem comum. A falta de conscientização da importância da água como a base da vida de toda a natureza, do planeta e, por consequência, da humanidade, gera atitudes egoístas de destruição e exploração deste recurso. Isto ameaça toda a criação. Os recursos hídricos juntamente com outros recursos naturais, clamam por um cuidado maior, a partir de uma ética corresponsável de toda a humanidade. Esta ética contribuiria para que se apontassem caminhos de conversão e transformação da sociedade, a fim de que esses recursos fossem valorizados em sua plenitude. O ser humano é o ápice da obra da criação e por ser imagem de Deus deveria ter valores de respeito e de amor ao planeta e às suas fontes de vida. A imagem de Deus impressa na pessoa deveria ser o eixo motor que promove a vida através dos recursos por Ele oferecidos.

**Palavras-chaves:** Vida. Abundância. Água. Conscientização.



## ABSTRACT

Water is a priceless natural resource since it is vital for the balance of life, of the ecosystem and of the biological cycles. The planet is covered by approximately 71% water. Of the total amount of water on the planet less than 3% is appropriate for human consumption. The improper use of water, the constant lack of awareness as to its care and waste causes a significant impact on the infrastructure of the water resources. This paper is based on research and readings from material collected on the Fraternity Campaign (CF) of 2004, which seeks the full awareness raising of our generation about the proper use of water as a common good, as a duty and right of each citizen in the real context of the Brazilian society. The theme of the CF 2004, which presented water as the main focus, was concerned with the preservation, care and adequate use of this natural good, which is constantly threatened by political and economic interests of some groups, or even of humanity in general. The unimpeded quest for power, with ever less interest in serving the people, causes the trampling of values which should care for the common good. The lack of awareness of the importance of water as the basis of the life of all of nature, of the planet and, consequently of humanity, creates egotistical attitudes of destruction and exploitation of this resource. This threatens all of creation. The water resources together with other natural resources clamor for greater care based on a co-responsible ethics of all humanity. This ethics would contribute to pointing out paths for conversion and transformation of the society so that these resources would be valued in their fullness. The human being is the apex of the work of creation and because the human being is the image of God this human being should have values of respect and love for the planet and for its sources of life. The image of God imbedded in the person should be the moving axis which promotes life through the resources which He offered.

**Keywords:** Life. Abundance. Water. Awareness raising.





## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>1 ANÁLISE HERMENÊUTICA DE JO 10, 7-10.....</b>	<b>12</b>
<b>1.1 Texto grego e tradução .....</b>	<b>12</b>
<b>1.2 O contexto literário e histórico de João 10, 7-10 .....</b>	<b>13</b>
<b>1.3 Interpretação de Jo 10, 7-10 .....</b>	<b>15</b>
1.3.1 Jesus como caminho verdadeiro.....	15
1.3.2 Jesus como porta verdadeira .....	22
<b>1.4 Ethos da perícopa de Jo 10, 7-10 .....</b>	<b>28</b>
1.4.1 Ethos como porta para a vida.....	28
1.4.2 O Ethos no desafio de conscientizar .....	30
<b>2 A CF 2004 E SUAS ABORDAGENS SOBRE O TEMA ÁGUA .....</b>	<b>34</b>
<b>2.1 Ver.....</b>	<b>35</b>
2.1.1 Água, necessidade e direito de todos .....	37
2.1.2 Dimensões e valores.....	38
2.1.3 Um novo discurso sobre a água.....	40
2.1.4 Degradação e desperdício das águas brasileiras.....	41
<b>2.2 Julgar .....</b>	<b>44</b>
2.2.1 Água nas tradições religiosas.....	46
<b>2.3 Agir .....</b>	<b>49</b>
2.3.1 Promover o levantamento da realidade local .....	49
<b>CONCLUSÃO .....</b>	<b>52</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>54</b>



## INTRODUÇÃO

Conforme indica o título, este trabalho de pesquisa versa sobre a vida em abundância e a crise global da água. Trata-se da combinação entre o texto bíblico de João 10,7-10 e o lema da Campanha da Fraternidade (CF) de 2004: água, fonte de vida. O objetivo desse trabalho é aprofundar e discutir a questão em dois capítulos.

Inicialmente, ele aborda a temática da vida em abundância proposta por Jesus. Em seguida, enfoca a problemática da crise ecológica, exposta na CF de 2004, que entretantes se tornou bem mais acentuada que então.

A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB fez um estudo no ano de 2004, com o lema: Água, fonte de vida; tema: Fraternidade e água. A intenção dessa campanha, como todas as outras, foi de debater a realidade crítica da água com toda a sociedade. O fato da crise ecológica estar cada dia mais em evidência fez refletir sobre a possibilidade de juntar o lema da Campanha apresentado acima e o texto bíblico de João 10,10. Esse trabalho é fruto das reflexões levantadas em torno da realidade da água e o suprasumo do sentido da vida, expresso no texto do evangelho de João, sobretudo onde Jesus afirma: “eu vim para que todos tenham vida e vida em abundância”. Dessa forma foi amadurecido e definido o tema dessa dissertação: A vida em abundância e a crise global da água.

Objetivo desse estudo é aprofundar teoricamente a gravidade em torno da questão da água como fonte de vida, através de autores que abordam o tema e apresentam dados que favoreçam o amadurecimento da percepção para uma conscientização ecológica e preservação do nosso planeta água. O objetivo desse estudo é ajudar a nortear uma prática efetiva de cuidado e de amor para com a mãe natureza.

O primeiro capítulo se aprofunda na análise de João 10,7-10, propondo uma hermenêutica para a interpretação desse texto bíblico. Dessa forma, Jesus é discutido como porta e como caminho verdadeiro, dentro do *ethos* da porta para vida e na perspectiva desafiante da conscientização. O último item desse capítulo procura fazer uma ponte com o capítulo seguinte, que adentra no debate sobre água como fonte de vida.

O segundo capítulo discute a questão da irresponsabilidade ou falta de conscientização ecológica da humanidade para com a natureza, fonte de vida. Este capítulo se orienta, fundamentalmente, pelas informações contidas no material da CF 2004, como água: direito de todos; um novo discurso sobre a água; degradação e desperdício; água nas tradições religiosas e o levantamento da realidade local. Essa dissertação foi enriquecida com argumentos de outros autores, tendo em vista que a CF trabalhou e discutiu esse tema há mais de uma década.

Dessa forma, apresento esse trabalho para ser apreciado, reafirmando que seus tópicos são discutidos para que possam conduzir à reflexões e atitudes que contribuam para a preservação do planeta e da vida.

## 1 ANÁLISE HERMENÊUTICA DE JOÃO 10,7-10

João 10,7-10 é uma perícopé que retrata a importância de Jesus como porta para termos acesso à vida em abundância. A concepção de vida presente nesses versículos quer alargar a discussão e compreensão da grandeza da salvação que vem de Jesus, como impulso para valorização e resgate do verdadeiro e fundamental sentido da vida, tanto para o ser humano quanto para toda a criação.

Jesus se declara como porta. Entrar por essa porta significa “pôr o bem do ser humano como valor supremo.”<sup>1</sup> Essa é uma das motivações da escolha do texto de João 10,7-10 para nortear o trabalho, pois nós cristãos precisamos almejar horizontes maiores e melhores em nome do nosso compromisso com uma vida digna. Nesse aspecto, pretendo hastear uma bandeira reflexiva e de aprofundamento ao longo do trabalho, com o propósito de tocar em muitos problemas e situações sobre o tema água, revelando a responsabilidade da humanidade de passar sempre pela porta, no sentido de preservar algo tão sagrado e fonte de vida para todos.

Diante da crise ecológica que assola o mundo, inclusive no Brasil, se percebe que todos os habitantes do planeta deveriam se interessar por essa discussão. Inclusive os que ainda não alcançaram a plenitude dessa compreensão devem ser conduzidos ao processo de maturidade e conscientização.

### 1.1 Texto Grego e tradução

Texto Grego	Tradução
<sup>7</sup> Εἶπεν οὖν πάλιν ὁ Ἰησοῦς· ἀμὴν ἀμὴν λέγω ὑμῖν ὅτι ἐγὼ εἰμι ἡ θύρα τῶν προβάτων.	Disse, pois, novamente Jesus: Amém, amém digo a vós que eu sou a porta das ovelhas.
<sup>8</sup> πάντες ὅσοι ἦλθον [πρὸ ἐμοῦ] κλέπται εἰσὶν καὶ λησταί, ἀλλ' οὐκ ἤκουσαν αὐτῶν τὰ πρόβατα.	Todos quantos vieram antes de mim ladrões são e salteadores, mas não ouviram a eles as ovelhas.
<sup>9</sup> ἐγὼ εἰμι ἡ θύρα· δι' ἐμοῦ ἐάν τις εἰσέλθῃ σωθήσεται καὶ εἰσελεύσεται καὶ ἐξελεύσεται καὶ νομὴν εὐρήσει.	Eu sou a porta; se alguém entrar através de mim será salvo e entrará e sairá e pastagem encontrará.

<sup>1</sup> MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João*. São Paulo: Paulina, 1989. p. 440.

<p><sup>10</sup> ὁ κλέπτης οὐκ ἔρχεται εἰ μὴ ἵνα κλέψῃ καὶ θύσῃ καὶ ἀπολέσῃ· ἐγὼ ἦλθον ἵνα ζωὴν πᾶσι ἔχωσιν καὶ περισσὸν ἔχωσιν.</p>	<p>O ladrão não vem senão para que roube e mate e destrua; eu vim para que tenham vida e em abundância tenham.</p>
--	--

Abaixo, outras traduções do texto bíblico.

Bíblia Jerusalém	Bíblia Pastoral	Ave Maria	CNBB
<p><sup>7</sup>Disse-lhes novamente Jesus: Em verdade, em verdade, vos digo: eu sou a porta das ovelhas.</p>	<p><sup>7</sup>Jesus continuou dizendo: “Eu garanto a vocês: eu sou a porta das ovelhas”.</p>	<p><sup>7</sup>Jesus tornou a dizer-lhes: Em verdade, em verdade vos digo: eu sou a porta das ovelhas.</p>	<p><sup>7</sup>Jesus disse então: “Em verdade em verdade, vos digo: eu sou a porta das ovelhas”.</p>
<p><sup>8</sup>Todos os que vieram antes de mim são ladrões e assaltantes; mas as ovelhas não os ouviram.</p>	<p><sup>8</sup>Todos os que vieram antes de mim são ladrões e assaltantes, mas as ovelhas não os ouviram.</p>	<p><sup>8</sup>Todos quantos vieram [antes de mim] foram ladrões e salteadores, mas as ovelhas não os ouviram.</p>	<p><sup>8</sup>Todos aqueles que vieram antes de mim são ladrões e assaltantes, mas as ovelhas não os escutaram.</p>
<p><sup>9</sup>Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim, será salvo; entrará e sairá e encontrará pastagem.</p>	<p><sup>9</sup>Eu sou a porta. Quem entra por mim será salvo. Entrará e sairá e encontrará pastagem.</p>	<p><sup>9</sup>Eu sou a porta. Se alguém entrar por mim será salvo; tanto entrará como sairá e encontrará pastagem.</p>	<p><sup>9</sup>Eu sou a porta. Quem entrar por mim será salvo; poderá entrar e sair, e encontrará pastagem.</p>
<p><sup>10</sup>O ladrão vem só para roubar, matar e destruir. Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância.</p>	<p><sup>10</sup>O ladrão só vem para roubar, matar e destruir. Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância.</p>	<p><sup>10</sup>O ladrão não vem se não para furtar, matar e destruir. Eu vim para que as ovelhas tenham vida e a tenham em abundância.</p>	<p><sup>10</sup>O ladrão vem só para roubar, matar e destruir. Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância.</p>

## 1.2 O contexto literário e históricos de João 10,7-10

Jesus é um líder que transmite vida a todos que estão dispostos a segui-lo e que permite que seus olhos sejam abertos. Nesse sentido, João 10 está intimamente ligado com capítulo 9. Jesus reagiu às opressões das falsas lideranças religiosas do seu tempo, que no exercício de suas responsabilidades não conseguiram fazer aflorar o valor da vida ente os seus “subordinados”. “Até mesmo porque o senhorio

delas era baseado na mentira, manipulação e submissão”. Enquanto isso, o cego que recebeu o dom da cura através da fé torna-se útil ao projeto de Deus devido à sua capacidade de ver, escutar, sentir e “seguindo-o aceita como única verdadeira liderança o senhorio de Jesus”.<sup>2</sup> Assim, comunica vida ao passar a enxergar exatamente a vontade de Deus em sua vida, pois sua ótica está baseada na verdade, justiça e amor. Enquanto isso, os que tinham o senhorio baseados na mentira – que se achavam sadios – continuam cegos. Esses precisavam nascer de novo, ou seja, do Espírito.

Os adversários judeus de Jesus não querem acreditar nele, não querem fazer parte de seu rebanho; por conseguinte não pertencem a ele. Sua má vontade os impede de acreditar. Eram de opinião que Jesus estava ‘blasfemando’ Deus, porque ‘tu és apenas um ser humano e te fazes passar por Deus’. Entretanto, isso não era blasfêmia, mas a verdade. Jesus se denominou o bom pastor porque ele é Deus.<sup>3</sup>

O termo ‘bom’ não deve ser tomado aqui no sentido de uma bondade moral e muito menos de uma benevolência ou de uma bonomia mas no sentido de excelência, de perfeição. Quando os árabes da Palestina dizem que alguém ou alguma coisa é *Kwayyis*, querem dizer que é excelente. O ‘bom pastor’ é o melhor dos pastores.<sup>4</sup>

Os relatos históricos mostram que a região da Judeia tem como característica o pastoreio de animais. O pastor desempenha um papel fundamental na condução desse rebanho às pastagens que o alimentam e sustentam. As pastagens, são precárias.

Há pouco pasto e as ovelhas vão muito longe. Não há cercas protetoras e é necessário cuidar dos animais o tempo todo. De ambos os lados da estreita planície, o terreno se confunde com o deserto rochoso e sempre é possível que as ovelhas se afastem e se percam. O trabalho dos pastores era constante e perigoso, visto que, além disso, deviam proteger a seus rebanhos dos animais selvagens, em particular contra os lobos, e sempre havia ladrões e assaltantes dispostos a roubar as ovelhas.<sup>5</sup>

O profeta Ezequiel utilizava a imagem dos pastores para falar das lideranças de Israel. Ele denuncia os pastores de Israel por não cuidarem bem do povo como deveriam. Esses são ladrões, pois exploram, usufruem dos benefícios do povo e acabam sendo aproveitadores. São “pastores de si mesmos” (Ez 34,2).

<sup>2</sup> BORTOLINE, José. *Roteiro Homilético*. São Paulo: Paulus, 2006. p. 105.

<sup>3</sup> PLOEG, J. P. M. van der. *Jesus nos fala: as parábolas e alegorias dos quatro Evangelhos*. Tradução Cônego Pedro Terra Filho. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2010. p. 245.

<sup>4</sup> PLOEG, 2010, p. 244.

<sup>5</sup> BARCLAY, John William. *The Gospel of John*. Traduzido por Carlos Biagini. [O Novo Testamento Citado por William Barclay]. Trinity College, Glasgow, Escócia, Mayo, 1955. p. 334.

Para a comunidade joanina, o Ressuscitado é o Bom Pastor, ele é quem passou pela porta da doação total de sua vida para abrir para as ovelhas a porta de novas pastagens, dos novos prados, dos novos horizontes de vida.<sup>6</sup>

Jesus deixa claro que sua proposta de vida em abundância é na verdade um caminho que se faz necessário para elevar nossos braços servindo, acolhendo, cuidando dos irmãos necessitados e inclusive da natureza que clama por cuidados no cotidiano de nossas vidas. Repetir esse gesto magnífico de Jesus nos torna plenos de capacidade e dignos de nos alimentar das verdadeiras pastagens, inclusive nos capacita a nos tornarmos pastores, sendo porta para tantos que ainda não degustaram das pastagens que enchem nossa vida de paz, sabor e sentido.

### 1.3 Interpretação de João 10,7-10

#### 1.3.1 Jesus como caminho verdadeiro

“Disse, pois, novamente Jesus: Amém, amém digo a vós que eu sou a porta das ovelhas. Todos quantos vieram antes de mim ladrões são e salteadores, mas não ouviram a eles as ovelhas” (Jo 10,7-8). A palavra amém é uma interjeição que significa verdadeiramente, certamente, assim seja. A palavra amém nos remete à lembrança de uma estaca fincada ao chão, firme, profunda, segura e imóvel, a fim de afirmar o que é pregado por Jesus e para que seus ensinamentos encontrem adesão.

Dessa forma começa a passagem – amém, amém: em verdade, em verdade. Os versículos deste capítulo verdadeiramente nos afirmam que Jesus é o verbo encarnado. Se o Pai é o caminho, Jesus é a “porta”. Só há uma porta que leva ao verdadeiro projeto de Deus e essa porta é Jesus.

Em hebraico, os termos derivados da raiz *amém* designam a solidez, a constância, a realidade segura; é ‘verdadeiro’ aquilo em que o ser humano pode confiar, pelo qual pode orientar sua vida. Sendo central e muito extensa, essa noção é suscetível de aplicações diferentes. Assim, pode acontecer que ela coincida com nossa noção ocidental de verdade. Por exemplo, para nós, ‘dizer a verdade’ é, em primeiro lugar, exprimir a convicção íntima; o mesmo acontece com o semita, por outro lado, porém,

---

<sup>6</sup> IHU. *Quarto Domingo da Páscoa Evangelho de João 10,1-10*. Disponível em: <[www.ihu.unisinos.br/espirtualidade/comentario-evangelho/500091-4o-domingo-da-pascoa-evangelho-de-joão10-1-10](http://www.ihu.unisinos.br/espirtualidade/comentario-evangelho/500091-4o-domingo-da-pascoa-evangelho-de-joão10-1-10)>. Acesso em: 30 jun. 2015.



para ele essa expressão significa que sua palavra pode ser considerada uma realidade: pode-se confiar nela diante do tribunal (Dt 13,15).<sup>7</sup>

O evangelista João apresenta a expressão “em verdade, em verdade”, vinte cinco vezes em seu evangelho. Sendo assim, parece claro que quer acentuar a profundidade do sentido dessa palavra e do poder que está em Jesus. Isto pelo fato d’Ele mesmo ser a verdade e o conteúdo da salvação.

Por isso, fala com a convicção de que Ele é a porta através da qual iremos encontrar belas pastagens. “Se permanecerdes em minha palavra, sereis meus discípulos, e conhecerei a verdade, e a verdade vos tornará livres” (Jo 8,31-32). Portanto, o evangelista João, ao colocar no texto a palavra *amém* de forma duplicada, reforça que Jesus veio para irradiar a verdade contida nele para a humanidade.

A condição para conhecer a verdade é ater-se à mensagem de Jesus (8,31), a mensagem do amor demonstrado em atividade como a sua, (cf. 9,4;13,34), o que supõe a ruptura com o pecado (8,21), que é pertença “a essa ordem”, o sistema de injustiça (Jo 8,23). Quem adere assim a Jesus (Jo 8,31) para serdes meus discípulos recebe o Espírito e faz essa experiência de vida.<sup>8</sup>

A verdade (Jesus) a que o evangelista está se referindo está expressando toda realidade salvífica da divindade contida nas três pessoas da santíssima trindade, em nível de poder, amor, misericórdia e fé. Enfim, ela contém tudo que a humanidade necessita para alcançar a plenitude, a liberdade e a salvação. Essa verdade contida em Jesus nos remete automaticamente para a realidade da crise ecológica no Brasil e em todo o planeta. A humanidade irá se tornar livre e responsável quando assumir essa bandeira de preservação da natureza como algo intrínseco, desde a criação do mundo para o bem da vida do ser humano e do mundo. O ser humano parece ainda não ter assimilado que a natureza foi lhe dada de presente sob a responsabilidade de administrá-la a seu favor, não para tirar proveito, mas para a sobrevivência como espécie humana.

Aqueles que dão testemunho da verdade (Jo 5,33) afirmam não somente que Jesus diz a verdade, mas que o Pai fala e age realmente em Jesus. Enquanto revelação autêntica do Pai, Jesus é a verdadeira (autêntica) luz (Jo 1,9) o verdadeiro pão (6,32) o bom (verdadeiro) pastor (Jo 10,11-14) a

<sup>7</sup> ABADIA DE MAREDSOUS. Centro Informática e Bíblia. *Dicionário enciclopédico da Bíblia*. São Paulo: Loyola, Paulinas, Paulus, Santo André: Academia Cristã, 2013. p. 1351.

<sup>8</sup> MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegetico*. São Paulo: Paulinas, 1989. p. 279.

verdadeira (autêntica) vinha (Jo 15,1) seu julgamento é verdadeiro, verídico e válido por direito, porque é julgamento do Pai.<sup>9</sup>

Como tomar posse dessa verdade vinda de Jesus para que o ser humano seja realmente livre? Esse é um questionamento que cabe ser feito neste momento, a fim de elevar a conscientização e o crescimento do ser humano como pessoa livre, que trilha caminhos de comprometimento e de alternativas para corresponder aos desafios da vida cristã diante de situações e pessoas que se encontram aprisionadas no submundo da injustiça, violência, incredulidade e de muitos outros cárceres.

Quando Jesus diz a verdade aos dirigentes (Jo 8,40-45) expõe que Deus é Pai e doador de vida (Jo 5,17-21), opondo-o ao deus deles, princípio de mentira e morte (Jo 8,44).<sup>10</sup>

Um 'ser humano de verdade' (Ex 18,1) é um ser humano seguro, no qual se pode confiar. O 'caminho de verdade' (Gn 24,48) é o bom caminho, aquele que conduz ao objetivo. Um 'rebento de verdade' (Jr 2,21) é uma planta de qualidade, da qual se pode esperar bons frutos. Uma 'paz de verdade' (Jr 14,13) é uma paz duradoura. Uma 'testemunha de verdade' (Pr 14,25) diz as coisas como elas são e assim salva vidas humanas. 'Julgar segundo a verdade' (Ez 18,8) é julgar segundo os fatos e trazer luz e certeza onde elas não existem. O ponto essencial na noção hebraica é que ela comporta a garantia de sua adequação a realidade concreta.<sup>11</sup>

Sendo assim, podemos perceber que o evangelista João apresenta Jesus nessa perícopie como um pilar para a humanidade, pois inicia dizendo em grego amém, amém, ou seja, em verdade em verdade, querendo assim afirmar seu legado de bom pastor, que direciona a humanidade rumos à liberdade e à vida nova.

A palavra amém quer ressaltar ainda o crer e ser fiel. Porém, para sermos discípulos d'Ele, sempre é importante permanecer ou guardar a sua palavra. Ressalta-se ainda que Jesus foi testemunha da fidelidade ao projeto de Deus. *Alêtheia*, palavra grega traduzida por verdade, significa também fidelidade do amor. Sobressai nela o seu tema fundamental 'firmeza' e 'segurança'. A última é a fidelidade do amor de Deus (o Pai), manifestada na morte de Jesus (o Filho).<sup>12</sup>

A luz pode ser considerada como um dos símbolos da verdade, pois se identifica com a valorização da vida da humanidade e de toda criação. Aponta

<sup>9</sup> MAREDSOUS, 2013, p. 1352.

<sup>10</sup> MATEOS; BARRETO, 1989, p. 280.

<sup>11</sup> MAREDSOUS, 2013, p. 1351.

<sup>12</sup> MATEOS; BARRETO, 1989, p. 278.

horizontes de esperança, libertação, justiça e salvação para todos que creem no Cristo.

A missão de Jesus é dar testemunho em favor da verdade (Jo 18,17), manifestando na sua pessoa e atividade o amor de Deus ao ser humano. Este testemunho acha sua expressão suprema em sua morte voluntária, pela qual entrega o espírito que termina a criação do ser humano.<sup>13</sup>

Para compreender a missão de Jesus, é preciso de antemão remeter-se ao testemunho de Estevão (At 22,20) dado em favor da verdade. Jesus, que morreu para nos salvar, é a verdade propriamente dita.

O Espírito guiará os discípulos em toda verdade. Refere-se ao futuro (Jo 16,13) o que há de vir, interpretando o que significa na história a obra de Jesus, a fim de orientar os discípulos na missão.<sup>14</sup>

A porta refere-se em primeiro lugar às lideranças. Nenhuma delas é autêntica se não nascer da liderança de Jesus. Sua legitimidade depende da sintonia com projeto de Jesus. Quem não assume esse princípio é explorador do povo.<sup>15</sup>

Em Israel, a lã, o leite, a carne são bens para subsistência das famílias (Ez 34,3) e o pastor também necessita usufruir desses recursos. O que é inadmissível é explorar o povo para se servir. Jesus, verdadeiro pastor, se tornou o próprio alimento para o sustento e a motivação na caminhada de peregrinos e de libertação.

O ladrão não só rouba, isto é, despoja o povo do que lhe pertence, mas é também assassino (bandido), sacrifica as ovelhas. Alude claramente ao gado preparado no templo para o sacrifício e expulso simbolicamente por ele. As verdadeiras vítimas do culto não são os animais, mas o próprio povo. Com esta figura denuncia a violência e dureza dos dirigentes que exploram o povo sem medir os estragos que causam e sem nenhum respeito à vida.<sup>16</sup>

As ovelhas devem ser protegidas das feras, dos ladrões e do tempo inclemente (Gn 31,39-40). O Pastor defendia as ovelhas contra leões e ursos com as mãos nuas (1Sm 17,34) e, as vezes, morria na defesa do rebanho (Jo 10.15). O pastor conduz as ovelhas às águas e as protege (Sl 23,1-4).<sup>17</sup>

Se a natureza foi criada a favor do ser humano, para seu bem estar e dignidade, a comercialização de certos produtos, por exemplo, a água, não pode ser caracterizada como roubo, ou desvio do objetivo original da criação? Por que alguns

<sup>13</sup> MATEOS; BARRETO, 1989, p. 282.

<sup>14</sup> MATEOS; BARRETO, 1989, p. 282.

<sup>15</sup> BORTOLINE, 2006, p. 107.

<sup>16</sup> MATEOS; BARRETO, 1989, p. 441.

<sup>17</sup> MCKENZIE, John L. Dicionário Bíblico. Tradução Álvaro Cunha et al.; Revisão geral Honório Dalbosco. 10. ed. São Paulo: Paulus, 2011. p. 618.

têm acesso água e outros não? Ou ainda, muitos tem acesso, mas a uma água sem qualidade. Diante da atitude dos grandes empresários, que praticam o suborno para levar vantagens em relação à fiscalização do desmatamento, captação hídrica ilegal, despejo de esgotos domésticos e lixo industrial que causam destruição dos rios e nascentes, não poderia lhes ser atribuída à qualificação de ladrões, a qual Jesus se refere nesse evangelho?

Milhares de pessoas no mundo se tornam mais suscetíveis a doenças como: diarreia – segunda maior causa de morte entre crianças abaixo dos cinco anos -, cólera, hepatite e febre tifoide, por conta de condições precárias de disposição do esgotamento sanitário, água e higiene.<sup>18</sup>

Estudos estimam que uma criança morre a cada 2,5 minutos por não ter acesso à água potável, por falta de redes de esgotos e por falta de higiene. Crianças com diarreia comem menos e são menos capazes de absorver os nutrientes dos alimentos, o que as torna ainda mais suscetíveis a doenças relacionadas com bactérias. O problema se agrava, pois as crianças mais vulneráveis à diarreia aguda também não têm acesso a serviços de saúde capazes de salvá-las.<sup>19</sup>

Os doutores da lei dizem que só através deles alguém poderia ir a Deus. Dessa maneira, roubam do povo a chance de ir ao verdadeiro caminho, quando o poder público não cumpre seu papel de administrador e zelador da vida. Dessa forma, deixa de entrar na verdadeira porta da comunhão com Jesus e com o Pai, onde encontramos o verdadeiro sentido da vida (pastagem), e vida em abundância. Jesus, nessa passagem, se compara com os falsos a fim de provar que Ele é o Bom Pastor. Foi Ele que morreu na cruz para livrar do pecado toda a humanidade (ovelhas), e garante que todo aquele que entrar pela porta aberta pelo Pai, através d'Ele, será salvo.

As ovelhas precisam ser guiadas, e o pastor não se poupa na procura da ovelha desgarrada; essa se tornou uma figura do cuidado de Deus para com o pecador (Mt 18,12-14). Mesmo no sábado um ser humano salvaria uma ovelha caída num buraco (Mt 12,11). Um povo é frequentemente chamado de rebanho cujo pastor é Deus ou o rei (Is 63,11) e um povo sem guia é como rebanho sem pastor (Mc 6,34). O pecador é uma ovelha desgarrada (Is 53,6). Jesus aplica à sua paixão as palavras de Zc 13,7: quando o pastor é ferido, as ovelhas se dispersam (Mt 14,27).<sup>20</sup>

Jesus cuida da humanidade (ovelhas), acolhe. Podemos comparar essa dedicação ao cuidado que os pastores tinham com suas ovelhas (animais) ao cair da

<sup>18</sup> CNBB. *Texto-base da Campanha da Fraternidade de 2016*. Brasília: Edições CNBB, 2015. p. 17.

<sup>19</sup> CNBB, 2016, p. 17.

<sup>20</sup> MCKENZIE, 2011, p. 618.

noite. Eles a colocavam em seu redil – lugar cercado de pedras com uma única porta – e lá ficavam de vigia, atentos a todo o mal que pudesse abater-se sobre seu rebanho. Pela manhã chamavam suas ovelhas, que prontamente o seguiam. Qualquer um que tentasse passar pelo muro seria, sem dúvida, um ladrão. Jesus compara aqueles que pulam o muro e roubam com os fariseus e doutores da lei (ladrões e salteadores), que expulsam, excluem, manipulam o povo em nome do poder. Os fariseus não criavam em Jesus e perseguiram qualquer um que cresse e o seguisse.

“A atitude de Jesus se opõe à dos fariseus e dirigentes do povo, enquanto esses exercitavam a morte, Jesus promovia a vida.”<sup>21</sup> Esse testemunho de Jesus comprova seu comprometimento com a verdade e com o bem comum da humanidade de construir um mundo de um pastor e um só rebanho.

A figura do pastor tem três traços fundamentais: entra pela porta porque é reconhecido o seu direito (Jo 10,2), tem suas próprias ovelhas (Jo 10,3,12), e, finalmente, entrega-se por elas. Jesus é o pastor por excelência, o modelo de pastor, enquanto tal caracteriza-o sua entrega pelas ovelhas e o vínculo de intimidade que as une com o Pai. Todos esses traços fazem com que seja Jesus o único pastor.<sup>22</sup>

À vista disso impressiona o fato de que os fariseus se consideravam sábios, doutores e entendidos da lei. Deveriam ser os primeiros a passar por essa porta que é Jesus. Mas, não o fazem e deixam de experimentar a verdadeira pastagem que nutre a fé, a alma e cura as cegueiras. Esse foi um dos conflitos que Jesus teve. Isto inclusive lhe custou à vida, por dizer aos que se sentiam sãos que estavam equivocados, eram cegos, pois estavam presos aos seus egoísmos, argumentos e ideias, ou seja, eram “pastores de si mesmos” (Ez 34,2).

A porta tem um significado intimamente ligado à passagem. É por ela que entramos e saímos livremente. Pode haver diversas portas para escolhermos, mas sempre só uma nos levará ao caminho da verdade. “Entrar pela porta que é Jesus é a mesma coisa que “aproximar-se dele”, dar-lhe adesão. Essa porta abre-se para a terra da vida, a do amor leal”.<sup>23</sup>

Nesta parábola Jesus se referiu a duas classes de redis. Nas aldeias e nos povoados havia currais comunais nos quais se refugiavam todos os

<sup>21</sup> MATEOS; BARRETO, 1989, p. 441.

<sup>22</sup> MATEOS; BARRETO, 1989, p. 231.

<sup>23</sup> ALBERTIN, Francisco. *Explicando o Evangelho de João e Cartas: João, Hebreus, Tiago, Pedro e Judas*. Aparecida: Editora Santuário, 2012. p. 75.

rebanhos da aldeia quando retornavam de noite. Estes currais estavam protegidos por uma porta muito forte cuja chave estava na mão do guardião da porta e de ninguém mais. A essa classe de curral é ao que se refere Jesus nos versos 2 e 3. Mas quando as ovelhas estavam nas serras na estação cálida e não voltavam de noite para a aldeia, eram reunidas em currais construídos nas serras. Estes eram espaços abertos cercados por uma parede. Tinham uma abertura pela qual entravam e saíam as ovelhas mas careciam de qualquer espécie de porta. O próprio pastor se deitava através da abertura e nenhuma ovelha podia sair ou entrar sem passar por cima dele. No sentido mais literal, o pastor era a porta; não se podia ter acesso ao curral exceto através dele.<sup>24</sup>

Dessa maneira, a última ordem de Jesus a Pedro é que apascente seus cordeiros e ovelhas (Jo 21,15-17). Essa insistência de Jesus para com Pedro reflete o grau de cuidado e de importância que Ele mesmo dá aos indefesos e inocentes como as crianças, as mulheres pecadoras, viúvas, cegos e tantos outros que são discriminados pelo poder econômico e ideológico. Jesus, ao insistir com Pedro para cuidar e para fazer às vezes d'Ele diante de suas ovelhas, está ensinando-lhe a agir como a porta verdadeira que dá acesso a verdadeiras pastagens.

A porta não é uma doutrina sobre Jesus, por mais acertada que seja. O próprio Jesus em pessoa, em sua essência, em seu corpo é a porta. **Eu sou a porta até as ovelhas.** Temos de entrar no próprio Jesus, viver em Jesus, ter comido Jesus (Jo 6,57) e bebido dele (Jo 4,14; 7,37), para realmente chegar, através dele como porta, às ovelhas. Em Jesus decide-se quem é um bom pastor. Quando não existe esse relacionamento com Jesus, necessariamente outros motivos, talvez profundamente escondidos, e justamente por isso, tão perigosos, precisam determinar a atuação na igreja e transformar uma pessoa em ladra, a qual somente visa viver das ovelhas. Os ladrões na igreja privam as ovelhas da vida eterna por razões egoístas.<sup>25</sup>

Podemos perceber ao longo deste texto que tudo que Jesus fez em sua história de vida foi em prol da defesa de suas ovelhas. E, por incrível que pareça em momento algum Jesus busca algo para si mesmo, muito menos para alimentar seu ego. Esse é um dos grandes exemplos que Jesus nos deixa de amor e entrega aos que são seus. Jesus viveu todas as condições de ser humano menos o pecado. Veio a este mundo para ser Palavra do Pai, por amor se entregou para nos resgatar, dar testemunho da verdade e nos salvar por inteiro, devolvendo-nos a dignidade de filhos de Deus.

Após a cura do cego de nascença, Jesus disse uma frase que incomodou os fariseus: vim para os que não veem vejam, e os que veem tornem-se

<sup>24</sup> BARCLAY, 1955, p. 339.

<sup>25</sup> BOOR, Werner de. *Evangelho de João I*. Título do original: *Das Evagelium des Johannes 1. Teil*. Tradução: Werner Fuchs. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002.

cegos (9,39). Jesus então está a afirmar uma coisa inaudita: Ele é a porta por onde deve entrar quem se considera pastor de Israel.<sup>26</sup>

Para comunidade de João, a porta é o ressuscitado, justamente por tudo que Jesus fez por nós em termos de doação, serviço e salvação. Nós só chegaremos às “pastagens verdejantes” (Sl 23) – onde nunca mais haverá fome nem sede – por esse caminho da cruz. Ou seja, na doação total aos irmãos.

“O critério básico para discernir quem é pastor e quem é assaltante, é a defesa da vida das ovelhas”.<sup>27</sup> Ser pastor hoje é ter coragem de cuidar e defender a preservação do meio ambiente enquanto recurso básico para sobrevivência da humanidade. A realidade da falta d’água é notória por parte de todos, inclusive a dilapidação em um passado recente já mostra a consequência das atitudes inconsequentes do ser humano para com o meio ambiente.

Enquanto os líderes religiosos exploram, tiram proveito das situações e usam seus cargos para tantos interesses, Jesus se declara a porta que enaltece o valor da vida e dignidade. Faz de tudo para que os seus tenham acesso aos direitos, liberdade, justiça, amor e saúde. A esperança é fundamental para que o povo se mantenha na luta e perspectiva de mudanças. Porém, nesse caso, quando Jesus define “todos que vieram antes dele são ladrões e assaltantes”, subtende-se que esses líderes religiosos estavam sufocando ou suicidando às esperanças e a vida do povo. Jesus chega às pressas para socorrer, salvar todos que estavam se sentindo asfixiados por todas as atitudes e práticas que são contrárias à do evangelho.

### 1.3.2 Jesus como porta verdadeira

“Eu sou a porta. Quem entrar por mim será salvo; poderá entrar e sair, e encontrará pastagem. O ladrão vem só para roubar, matar e destruir. Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância” (Jo 10,9-10). Jesus alerta suas ovelhas de que existem outros se fazendo de pastor. Essa preocupação de Jesus é no intuito de prevenir suas ovelhas da frustração, opressão e tantos outros danos. Isso ocorreria caso aderissem a esses que estão fraudando o projeto de cuidar, proteger e valorizar a vida. Proposta essa que é intrínseca a pessoa de Jesus, o bom pastor. Quando Jesus afirma “Eu sou o bom pastor”, está afirmando Israel

<sup>26</sup> PRESBITEROS. Disponível em: <<http://www.presbiteros.com.br/site/comentário>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

<sup>27</sup> CEBI. *Notícia*. Disponível em: <[www.cebi.org.br/noticias.php?seçãoold=21&noticiald4855](http://www.cebi.org.br/noticias.php?seçãoold=21&noticiald4855)>. Acesso em: 30 jun. 2015.

como nação concreta e pertencente ao rebanho de Deus. “Eu sou quem eu serei. É numa ação que Deus se dará a conhecer e continuará a se fazer conhecer dessa maneira”,<sup>28</sup> justamente para afirmar que “Eu sou lahweh teu Deus, desde a terra do Egito” (Os 12,10).

Antes que Abraão fosse, ‘Eu sou’ – Todo ser humano pode fazer tal afirmação quando tiver encontrado seu ser de entidade, seu ser ‘já ressuscitado’ porque, como afirmam os Padres da Igreja: ‘Se eu não conhecer a vida eterna, desde esta vida, também não terei de conhecê-la na outra.’<sup>29</sup>

Para conhecer a outra vida ou a eternidade com propriedade e segurança, será preciso, sem sombra de dúvida, realizar um investimento nesta vida, em valores sólidos e éticos, para que esses sejam pilares de amor, caminho e que conduzam à paz e à construção da dignidade e justiça dos seres humanos, que são imagem e semelhança de Deus. “Em ‘Ehyeh’ reencontramos a raiz do verbo ‘ser’ (hyh). Em hebraico, este verbo significa ‘uma existência, uma presença ativa’, daí a tradução mais corrente: ‘Eu sou’”.<sup>30</sup>

Jesus, ao afirmar “Eu sou”, está confirmando sua eternidade como ser, alguém que existiu desde sempre e continuará existir para todo o sempre. Isso representa sua imortalidade, ou qualquer margem de vulnerabilidade em relação ao pecado ou a morte. Muito mais que a morte física, Jesus manifesta seu poder. Dessa forma, para Jesus, se faz necessário morrer a cada dia espiritualmente falando para as vontades e desejos que podemos denominar como tentações que afastam dos princípios da vida. “Thomas Merton chega ao ponto de traduzir: ‘eu sou aquele que não existe’ para lembrar que Deus não é um ‘existente’ como os outros. Caso contrário, seria mortal como tudo o que existe. ‘Eu não existo – Eu Sou’”.<sup>31</sup>

“O ser é comum tanto à universalidade dos nomes quanto à universalidade dos seres. ‘Ser’ é, portanto, o nome próprio exclusivo de Deus.”<sup>32</sup> O Ser que é o próprio Deus está implícito não só no ser humano, mas em toda obra da criação. Dessa maneira, podemos perceber que a missão do cuidado e do zelo está sendo alargada a outra esfera que muitas vezes não é levada a sério pelos humanos, até

<sup>28</sup> DROLET, Gilles. *Compreender o Antigo Testamento: um projeto que se tornou promessa*. São Paulo: Paulus, 2008. p. 178.

<sup>29</sup> LELOUP, Jean-Yves. *O Evangelho de João*. Traduzido por João de Freitas Teixeira. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 290.

<sup>30</sup> LELOUP, 2012, p. 272.

<sup>31</sup> LELOUP, 2012, p. 273.

<sup>32</sup> LELOUP, 2012, p. 275.



mesmo porque acabamos interpretando a morte e ressurreição de Jesus apenas e tão somente para a salvação do ser humano.

Martin Heidegger fala do ser humano como sendo o 'pastor do ser'. Com efeito, a missão e o sentido do ser humano consistem em 'cuidar do ser'. [...] O mercenário de que fala o Evangelho é um ser humano que, antes de tudo, procura controlar, dominar, domesticar a natureza, com a ajuda de máquinas e do pensamento tecnológico.<sup>33</sup>

Quando o ser humano tenta dar sentido à sua vida segundo o ser do pastor, sua vida se torna muito mais fundamentada de razão e sentido. Para que ele tenha solidez em suas atitudes e comportamentos, é necessário se esvaziar de tudo que o impede de ser imagem de autenticidade, da do Ser em termo de eternidade, durabilidade, passividade, gratuidade e bondade. O pensamento tecnológico que a humanidade demonstra estar usufruindo é do dominar, tirar proveito e lucrar da natureza, que deveria ser apenas e tão somente nosso auxílio para uma vida digna. O ser humano deveria isto sim, administrar, cuidar da natureza para sua sobrevivência, porque essa foi a intenção de Deus na criação. Essa atitude de posse e de autossuficiência tem sido o erro fatal para a tragédia ecológica atual da humanidade.

O sentido do ser humano não está no que faz, no que produz, no que transforma, mas no que ele é. Devemos tornar-nos "pastores do ser", não seus proprietários ou mercenários, isto é, devemos estar em condições de substituir o pensamento tecnológico, eficaz, pelo pensamento contemplativo que nos faz entrar não só na utilidade do ser, mas também na gratuidade do ser. No momento em que o outro se extravie, seja ele meu amigo ou inimigo, no momento em que está machucado, quando seus passos ou seu espírito vacilam, que eu possa escutar em mim uma voz "ainda mais eu do que eu próprio", o anjo, o guarda de meu irmão [...].<sup>34</sup>

O ser humano, como imagem e semelhança de Deus, por vezes tem atitudes irresponsáveis e inconsequentes. Isto por não se dar conta do tamanho das capacidades que são inerentes a cada ser humano vindo desse poder de Deus denominado "Eu sou".

Se São João insiste sobre esses diferentes '*Ego Eimi*' que parecem estruturar seu evangelho, não é somente para mostrar-nos a divindade do Cristo, mas para indicar-nos também a profundidade do ser humano, aquela de que é "capaz" e a que tipo de vida ele próprio é chamado.<sup>35</sup>

---

<sup>33</sup> LELOUP, 2012, p. 283.

<sup>34</sup> LELOUP, 2012, p. 284.

<sup>35</sup> LELOUP, 2012, p. 290.

A multiplicidade de portas é real a cada dia em nossa vida. Contudo, sabemos que existem portas totalmente vulneráveis que pouco nos asseguram de algo que venha bater ou pressionar contra nossa dignidade, liberdade, direitos, valores, alegria, sabedoria. Para continuarmos vinculados a essa essência cristã que é Jesus e termos segurança que nos transmitam paz, se faz necessário estarmos emanados de sua graça, presença e princípios vitais de vida.

No entanto, Jesus não é apenas a porta para a salvação, para o início da nova vida. Continua sendo essa porta permanentemente na vida dos salvos. Quem foi redimido por Jesus entrará, e sairá, e achará pastagem. Pelo renascimento não nos tornamos pessoas autônomas que possuem em si mesmas tudo de que precisam, podendo por isso viver por si próprias. Não, assim como as ovelhas têm de sair diariamente pela porta, para achar pastagem, assim acontece com cada pessoa salva durante a vida toda, por mais velha que possa tornar-se. Também não existe pastagem que possa ser encontrada e usufruída por nós independentemente de Jesus. Sempre o achar pastagem é possível apenas por intermédio de Jesus.<sup>36</sup>

A possibilidade de ir de um lado para outro sem problemas era a forma que tinham os judeus de descrever uma vida absolutamente segura e protegida. Quando um ser humano pode sair e entrar sem temor significa que seu país está em um estado de paz, que as forças da lei e da ordem exercem uma autoridade suprema e que desfruta de uma segurança perfeita em sua vida. O líder de uma nação deve ser alguém que possa sair diante deles e entrar diante deles (Números 27,17). Ao referir-se ao ser humano que obedece a Deus se diz que é bendito quando entra e bendito quando sai (Deuteronômio 28,6). Um menino é alguém que ainda não é capaz de sair e entrar por seus próprios meios (1Reis 3,7). O salmista está seguro de que Deus guardará sua saída e sua entrada (Salmo 121,8). Uma vez que o ser humano descobre, através de Jesus Cristo, como é Deus, experimenta um sentimento novo de segurança e amparo em sua vida. Se a vida estiver nas mãos de um Deus como esse, desaparecem os temores e as preocupações. Há uma grande diferença entre Jesus e os homens que o precederam. Jesus disse que esses eram ladrões e salteadores. É óbvio que ao dizer isso não se referia à grande sucessão de profetas e de heróis. Fazia referência aos aventureiros que apareciam com frequência na Palestina e prometiam uma idade de ouro àqueles que os seguissem.<sup>37</sup>

“A expressão ‘entrar e sair’ tem um sentido amplo, chegando a significar simplesmente ‘frequentar, conviver’”.<sup>38</sup> Pode-se compará-la com momentos destacados da história do povo como a saída do Egito da terra da escravidão e da servidão ao Faraó, (também com a saída da Babilônia, após o exílio), assim como a entrada na terra prometida que mana leite e mel, onde há liberdade, fartura, abundância e vida. Ao declarar-se como porta, Jesus dá acesso ao novo, à alegria, à justiça. Pode haver na expressão, portanto, uma referência à história do povo de

<sup>36</sup> BOOR, 2002.

<sup>37</sup> BARCLAY, 1955, p. 340.

<sup>38</sup> KONINGS, Johan. *Evangelho Segundo João: “Amor e fidelidade”*. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo: Vozes, 2000. p. 233.

Deus desde a saída do Egito até a conquista da terra prometida. Dessa maneira, precisaremos sempre passar por essa porta escatológica que é Jesus, pois estaremos sempre em saída da escravidão e sempre no desejo de alcançar a fartura do “pão” para todos, sem desigualdades.

O ponto de partida do êxodo é o mundo submetido ao pecado, ou seja, à escravidão causada pela submissão voluntária ao sistema opressor, renunciando à plenitude contida no projeto criador (Jo 1,29). O ponto de chegada é ‘a terra’ (Jo 6,21), que por alusão identifica-se com a nova terra prometida. Esta representa a comunidade, onde Jesus infunde o espírito é a comunidade dos nascidos de Deus (Jo 1,13) capazes de fazer-lhes filhos de Deus, e, portanto, os que, pela prática do amor e a experiência da vida, que é a verdade, são livres e adultos (Jo 6,10). O lugar simbólico da comunidade é Betânia.<sup>39</sup>

A afirmação de que a salvação chega aos que entram pela porta se dá quando o povo consegue colocar em prática os gestos de Deus pelo povo: “Vi a opressão do meu povo no Egito, ouvi suas queixas contra os opressores e prestei atenção aos seus sofrimentos. E desci para livrá-los dos egípcios” (Ex 3,7-8). A passividade, a falta de consciência crítica, o comodismo, a prática da injustiça e a mentalidade alienante diante de tantos casos de injustiça não nos ajudam a passar pela porta e a encontrar pastagem, ou seja, salvação. Jesus, a Porta, automaticamente exige de nós atitudes de misericórdia, de amor e de bondade.

A frase que se emprega para expressar *que a tenham em abundância* é uma expressão grega que significa ter *um excedente, uma superabundância de algo*. Seguir a Jesus, saber quem é e o que significa é ter uma superabundância de vida.<sup>40</sup>

Eu vim para que tenham vida e tenham abundância. Diante de Jesus ninguém precisa temer, como se ele quisesse nos tirar e roubar algo. Sua obra é unicamente dar. O que ele dá é vida, vida real e significativa. E não a concede de forma minguada e precária.<sup>41</sup>

O ladrão se esconde atrás das promessas fáceis do fazer acreditar que a vida em abundância está na riqueza material, no ter e no poder. Porém, a verdadeira riqueza é uma só: o conhecimento profundo e o amor a Deus em Cristo seu filho. O falso pastor, aquele que vem para roubar com essas promessas, afasta as ovelhas do verdadeiro caminho que leva à porta, onde há vida em abundância.

<sup>39</sup> MATEOS; BARRETO, 1989, p. 233.

<sup>40</sup> BARCLAY, 1955, p. 341.

<sup>41</sup> BOOR, 2002.

A noção de vida implica não somente a existência física (Gn 20,7), mas, sobretudo, a capacidade de agir, de se mover. A vida é concebida como um dom de Deus (Sl 36,10; Jó 10,12) do “Deus vivo”, que insufla a vida no ser e o anima (Gn 2,7) alma. O sopro é, pois, um sinal de vida (Gn 35,18). A duração da vida do indivíduo é limitada (Mt 6,27), mas a ideia de uma vida eterna, depois do sono da morte, aparece em Daniel 12,2 e se desenvolve na época neotestamentária. Desde antes desse período já se falava da vida da nação que, mesmo após sua aniquilação, pode retornar à vida (Is 26,19).<sup>42</sup>

A vida plena que Jesus anuncia no evangelho de João emana do Deus Trindade, que se chama Pai, Filho e Espírito Santo, por ser o seu princípio último. Por intermédio do Espírito, o ser humano tem acesso a essa graça em sua vida.

Jesus, que recebe a plenitude do Espírito (Jo 1,32), possui a plenitude da vida divina e dispõe dela, como o Pai (Jo 5,21). É missão sua comunicar vida ao ser humano e vida em abundância (10,10), vida definitiva (10,28;17,2). Por isso Jesus é a Vida (14,6), porque a possui em plenitude e pode comunicá-la.<sup>43</sup>

Ninguém terá vida em abundância se não promover a vida no outro, se não ajudar o outro a caminhar na direção da verdadeira porta, a se deixar ser guiado pelo Bom Pastor e comungar das pastagens que revigoram o viver. Como podemos promover vida no outro se o nosso planeta está cada dia mais decadente? Se os rios estão se extinguindo e as nascentes secando? Será que a porta não está na conscientização ecológica adequada? Ou seja, que tipo de vida temos de promover, se a nossa própria subsistência está em crise? O que é mais urgente?

A condição para receber a vida e possuí-la e a adesão a Jesus em sua condição de Ser humano levantado ao alto (Jo 3,14) e de seu Filho único de Deus (3,16). Reúnem-se nesta condição vários aspectos complementares: o Ser humano levantado ao alto é o modelo de ser humano que dá sua vida a fim de salvar os homens de morte (3,14: Assim como no deserto Moisés levantou ao alto a serpente, assim também tem que ser levantado este Ser humano); ele é o filho único de Deus, o dom que prova o amor de Deus para com a humanidade (3,16). A condição para receber a vida é, portanto, reconhecer o amor de Deus expresso na morte de Jesus e, vendo nele o modelo de Ser humano, o Filho único de Deus, tomar este amor por norma da própria vida (cf. 13,34).<sup>44</sup>

Os falsos pastores usufruem das maiores armas contra a vida, a falta de amor ao próximo, o egoísmo e a falta de comunhão íntima com Deus, que muitas vezes os faz criar um Cristo conforme seus objetivos e desejos e não como

<sup>42</sup> MAREDSOUS, 2013, p. 1389.

<sup>43</sup> MATEOS; BARRETO, 1989, p. 285.

<sup>44</sup> MATEOS; BARRETO, 1989, p. 286.

realmente Ele é. Essa prática não ajuda a superar a morte física no sentido de passar pela porta que conduz a vida longa, nem nos inspiram eternidade.

A vida definitiva é aquela que, por sua natureza, supera a morte física. Assim Jesus afirma que quem cumpre sua mensagem não saberá nunca o que é morrer (Jo 8,51). O estado de morte é próprio daquele que se encontra fora da esfera de Deus (3,36) fazendo sua a mensagem de Jesus, o ser humano passa da morte para a vida (5,24) esse é o êxodo do Messias.<sup>45</sup>

## 1.4 Ethos da perícópe de João 10.7-10

### 1.4.1 Ethos como porta para a vida

Por que o ser humano, tão conectado ao mundo pela tecnologia e tão buscador da espiritualidade, continua a tratar de forma ilimitada recursos naturais limitados a partir de suas ações e omissões? Quais os caminhos necessários para que o ser humano veja, julgue e aja com a certeza de que Deus está relacionado a tudo que foi criado, que criador e criatura são fontes inesgotáveis de vida e vida em abundância quando há cuidado e a unidade de todos na busca de ações concretas e eficientes?

Há uma inquietude diante de algumas questões constatadas e vividas durante a dissertação desse trabalho que levaram ora a desacreditar na vontade humana em preservar o meio ambiente, ora a ter esperança e acreditar concretamente que possamos resgatar o sentido de respeito e cuidado.

Na relação proposta entre a interpretação da perícópe de João 10,7-10 e o tema da CF 2004, há pontos a serem abordados: aqueles onde a humanidade encontra-se alienada do entendimento de que Jesus é o líder que transmite a vida e vida em abundância. Por isso, a passagem para esse estado de plenitude se dá através d'Ele, aqui apresentado como "porta" que leva aos vales verdejantes. Fazem crer que na dificuldade de entender esse contexto dá-se também a omissão de reconhecer a situação crítica por que passam os recursos hídricos e o meio ambiente, que aos poucos, diante de ações descontroladas, tornam-se cada vez mais ameaçados e esgotáveis. As palavras de Leonardo Boff, a "[...] espécie humana pode desaparecer e a terra ficar gravemente ferida"<sup>46</sup> estão cada vez mais concretizadas na visão e na relação ser humano/natureza. O ser humano que não

<sup>45</sup> MATEOS; BARRETO, 1989, p. 288.

<sup>46</sup> BOFF, Leonardo. *O cuidado necessário*. Petrópolis: Vozes, 2012. p. 1.

cuida do planeta tem tendência a não se relacionar plenamente com Deus. Na falta desse relacionamento incorre a falta de discernimento e a perda do sentido e da razão.

Do lado oposto a essa relação de dificuldade do ser humano com Deus e do ser humano com a natureza encontramos as grandes lutas pela conscientização e preservação dos recursos naturais. Isto por parte daqueles que na plena relação com Deus encontraram o sentido da criação divina em todas as espécies, em toda a sua obra. Na sacralidade da relação Deus/natureza entende-se que a porta que leva aos vales abundantes de vida não é a mesma porta que toma como princípio a preocupação absoluta com conquistas lucrativas, esquecendo-se da gratuidade com a qual a terra se oferece pela vida e para a vida; como aquela que gera, sustenta e vitaliza ininterruptamente. Aquele que vê Jesus como a porta que leva à vida e vida em abundância, reconhece a relação ser humano/natureza, pois há plena concepção de que, feito ele imagem e semelhança de Deus, se torna responsável no zelo e no sentido de uma liberdade sensata, pelo que lhe foi doado para usufruir no seu amparo de maneira sustentável e cuidadosa.

Há pontos distintos e complexos entre aqueles que creem em Deus como vida em abundância e o relacionam com a natureza como princípio na luta pela valorização dos bens naturais, como fonte de vida a serem preservados. Esses são os que acolhem a Jesus, como verdadeiro pastor, como aquele que se apresenta como a porta (Jo 10,10) e conduz suas ovelhas à vida em abundância. Reconhecem que através d'Ele é atribuído o poder de remover a cegueira, de despertar uma preocupação sobre o sentido da vida e a vida na sua total ligação com o meio ambiente. Aqueles que creem que Deus foi somente o princípio e ao entregar o mundo encerra sua participação como criador e porta de salvação e essa passa a ser mérito do ser humano como se Deus não fosse a principal e única passagem para ela, creem também que Deus cria e concede à humanidade todos os bens para uso da maneira que lhe convém. Ou ainda, creem que Deus se afasta da criação para que o ser humano usufrua de seus meios e recursos, não só como fonte de vida, mas como fonte de riqueza, exploração e lucro. Não estabelecem a continuidade intrínseca da relação Deus/natureza. Desse modo, o ser humano não se vê mais ligado ao mundo como unidade e continuidade.

A passos rápidos, se torna cada vez mais difícil mostrar e convencer o ser humano da necessidade de se ver cada qual como parte ativa e responsável de um todo criado e ligado a Deus como princípio e fim.

Vivemos em um mundo complexo, cheio de pequenas e grandes incoerências, contradições e inúmeras formas de se ver e viver. Porém, há um ponto comum e inegável: o ser humano interage, interfere e, ao mesmo tempo, depende do meio ambiente. Há uma correlação direta, que é química, física, biológica e psicológica.<sup>47</sup>

#### 1.4.2 O Ethos no desafio de conscientizar

Se na contextualização de João 10,7-10 um dos fundamentos é reconhecer Jesus como o pastor verdadeiro, pois só Ele doou-se na totalidade e nós só chegaremos a “pastagens verdejantes” (Sl 23) onde nunca mais haverá fome nem sede – por esse caminho de cruz, a CF, por sua vez, nos mostra que é pela visão coerente do julgar justo e do agir em doação completa que conseguiremos percorrer esse caminho de salvação dos recursos hídricos e do meio ambiente. É através desses dois caminhos que precisamos buscar a sinergia por uma luta ética contra a falta da mesma; uma luta de princípios e valores morais que nos leve a resultados concretos de ações para com o meio ambiente, que o transponha pela porta verdadeira. Por isso, a educação é um dos caminhos base para esse caminhar preventivo, em detrimento de um futuro crítico que está cada vez mais próximo, de um planeta reduzido a pó.

A educação é a ferramenta essencial para a transformação social, pois possibilita a formação de indivíduos inconscientes do seu papel frente à sociedade e ao mundo ao qual pertencem, preparados para solucionar conflitos individuais e coletivos de forma autônomo, inclusiva e pacífica.<sup>48</sup>

A frase dita em um congresso sobre vida sustentável de um autor desconhecido: (“todo mundo pensa em deixar um planeta melhor para nossos filhos, quando é que pensarão em deixar filhos melhores para o nosso planeta?”) nos remete a uma profunda reflexão sobre a criação e conscientização de novas gerações. Que dizer se diante das ações individuais, de ONG, grupos, comunidades que tentam contribuir com sua parcela para um planeta sustentável e renovado, ainda encontramos, por outro lado, uma boa parcela da humanidade que mesmo se

<sup>47</sup> RIBEIRO, Renato. *Sustentar a Vida*. São Paulo: Edições Paulinas, 2011. p. 15.

<sup>48</sup> RIBEIRO, 2011, p. 107.

dizendo preocupada com o futuro continua em estado de dormência e até mesmo de omissão? A frase acima baliza como referência a “educação”, ponto de partida para termos um planeta abundante em vida. É pela educação do ser humano que encontraremos ideias e iniciativas na busca da sustentabilidade.

Articular a educação como um ato de lapidar, nutrir, preparar, formar, ensinar e transformar o ser humano em suas capacidades cognitivas. Ir além não somente nessa aceleração educacional, não menos importante, mas às vezes mais valorizada que temos em termos de tecnologia, economia, liderança. Aí cabe ressaltar que disciplinas como Moral e Cívica, Técnicas Domésticas, Técnicas Agrícolas e Religião já não fazem mais parte dos currículos escolares. Essas disciplinas são de grande fundamento na formação do caráter, princípios de cidadania e ligação com o meio ambiente e a Deus. Não se pode negar que a retirada dessas disciplinas da grade escolar abriu um vácuo na educação, já que cada vez mais cedo as famílias terceirizam a missão de formar seus filhos.

As disciplinas de Técnicas Doméstica e Agrícolas criavam um elo constante entre aluno e meio ambiente, conscientizando para um cuidado em toda a sua composição. Hoje vemos poucas ações nas escolas, limitadas a datas comemorativas como Dia da Árvore, Dia da Água, Dia do Meio Ambiente. Estas estão, muitas vezes, longe de fazerem parte de uma educação contínua comprometida e cooperativista nos processos futuros das gerações. A ausência da disciplina de Moral e Cívica, banida erroneamente do currículo escolar por acharem-na doutrinária, impede o aluno de receber uma formação nas questões relativas à sociedade, à cidadania, aos deveres e direitos do indivíduo como participante ativo da sociedade. Por sua vez, a educação religiosa, não como base de imposição de crença ou da instituição igreja, mas como caminho de conhecimento a Deus, ao ser extinta, deixa o sujeito ao jugo de orientações radicais, de um Deus muitas vezes perverso, castigador e condenador, distante da sua criação. Isto tem criado uma mentalidade contrária ao verdadeiro Deus que sempre acolhe e ama.

Para que seja possível o resgate dessa consciência de formação e do ensinar aprendendo, precisaríamos que houvesse uma reforma radical nos currículos escolares, se não da mesma forma, de uma maneira que resgate no ser humano a humanização com a natureza e o sentido espiritual com Deus, que aproxime o ser humano da natureza, dando-lhe a real compreensão da dimensão entre abundância e escassez, despertando-lhe os sentimentos de amor, respeito,



valorização e gratidão para com ela. Essa real percepção está na capacidade de ver, julgar e agir diante daqueles que subestimam a capacidade humana de tomar como sua a luta concreta em defesa do meio ambiente: “o ladrão só vem para roubar, matar e destruir” (Jo 10,10).

Desejo significa “aspiração; vontade de ter ou obter algo, ação ou efeito de desejar, de querer, possuir vontade.”<sup>49</sup> Todo o ser humano tem desejos individuais ou para com o outro. Quem não deseja? Quem nunca desejou? Deus não só desejou, mas concretizou. Fez da criação também um criador, a fez sua imagem e semelhança e deu-lhe liberdade de escolhas. O ser humano tem desejado e seus desejos muitas vezes rompem o limite de seu discernimento, ultrapassam a prudência e os transforma em ladrões que vêm para roubar, matar e destruir. Roubam sonhos e desejos, matam e destroem a realidade, movidos pela ganância e por um mundo que gira em torno de si mesmos, que desconhece o coletivo e a necessidade de um para com o outro. Desejam uma vida melhor e para isso muitas vezes permitem que os assaltantes se mostrem como portas de vida, de sucesso, de poder. Cegos não conseguem ver o grande mal que se faz cada vez mais próximo. A destruição que emerge por essas falsas portas coloca em risco a nossa relação com Deus e com a mãe terra. Esses que vem e querem se fazer acreditar como verdadeiros são instruídos, inteligentes, manipulam o conhecimento e levam a confiar que tudo é renovável. Entendem que tudo pode ser explorado sem medidas, pois a terra por si só se revigora para a continuidade. Dissimulam a verdade e não revelam que a terra não suporta mais refazer-se de maneira prazerosa. Por isso, hoje ela “geme em dores de parto”.

Deus não só desejou, mas concretizou, fez alianças com o povo e veio viver no meio de nós. Por isso, fala com veracidade de que Ele é a porta pela qual encontraremos vida e vida em abundância. Sendo Ele a única e verdadeira porta, podemos atestar que todas as outras formas apresentadas de porta como caminho à vida plena que não sejam por Ele são falsas, levam à morte. Aqui não me refiro à morte como o fim da vida, mas como toda a experiência que pode levar a ela.

Nesse sentido, apresentar João 10,7-10 em comunhão com a CF 2004 é uma maneira de fortalecer a necessidade de resgatar, por ambos os temas, uma consciência pela busca da vida e pela preservação da água como recurso do meio

---

<sup>49</sup> DICIO. *Dicionário Online de Português*. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br>>. Acesso em: 07 jul. 2015.

ambiente. A escassez de água já está causando uma enorme crise no planeta, principalmente, onde não há responsabilidade de cuidar e proteger esse patrimônio da humanidade. O evangelho de João 10,7-10 quer nos mover em direção a uma vida em abundância, sem morte. Porém, com responsabilidade de expandir e construir uma mentalidade que favoreça a conscientização e evangelização para que em nossa vida ela seja estendida o máximo possível, não só em relação ao planeta, mas principalmente em relação à eternidade da humanidade e do cosmos.

Não obstante, a perícopes do evangelho de João quer nos mostrar um horizonte a ser alcançado, para que salvação e a paz possam aproximar de cada um dos filhos de Deus. Sendo assim, a responsabilidade da fé em ação é imprescindível para chegarmos a tal patamar, ou seja, cuidando daquilo que é mais sagrado: a natureza.

## 2 A CF 2004 E SUAS ABORDAGENS SOBRE O TEMA ÁGUA

A Campanha da Fraternidade de 2004 nos remete a uma reflexão ampla e única sobre o problema que enfrentamos com a diminuição das chuvas, os problemas relacionados ao meio ambiente e acima de tudo ao mau uso desse recurso natural: a água. Este trabalho nos remete as abordagens feitas pela CF de 2004, e também a algumas conclusões. Onze anos se passaram e os problemas agravam-se a cada ano, chegando em 2015 em algumas regiões, quase ao extremo, pela falta de investimentos na captação dos recursos naturais e pela falta de conscientização das populações. A CF de 2004 faz um alerta para os rumos que estamos dando ao uso da água, à pouca importância desse bem natural e à sua valorização excessiva como fonte de renda, menosprezando sua importância na qualidade de vida, na gratuidade e principalmente na importância para a sobrevivência do planeta e de suas espécies.

A Campanha da Fraternidade de 2004 teve como tema *Fraternidade e água* e como lema: *Água, fonte de vida*. O tema e o lema se justificam principalmente por causa dos gigantescos problemas que não só o Brasil, mas também toda a humanidade enfrentam diante dessa questão.<sup>50</sup>

A questão da escassez tem que ser vista da seguinte forma: existe água em abundância no planeta? Sim. Existe água com qualidade? Sim. Existe água em abundância, com qualidade onde é necessário? Em alguns lugares, não. A dificuldade é a distribuição política da água. É fazer essa água estar junto aos agrupamentos humanos, sem a fonte estar contaminada. Então, se isso não ocorrer, a água se torna um bem raro, portanto, uma mercadoria mais cara.<sup>51</sup>

Dentro da realidade desses questionamentos e das respostas encontradas, precisamos urgentemente buscar uma maneira de estar constantemente alertando, refletindo e instigando a sociedade como um todo na conscientização diária sobre os problemas que enfrentamos. Dessa maneira, a CF veio para mobilizar os cristãos, para que sejam multiplicadores através da metodologia do “ver, julgar e agir”. Abrange assim toda a sociedade comunitária, para que o trabalho de formiguinha seja cada vez mais multiplicado e avance em termos estruturais, organizacionais, e atinja, dessa maneira, índices significantes e uma maior conscientização humana.

A CF trabalha seus temas dentro de uma metodologia que se divide em VER, JULGAR E AGIR. A CF tem como objetivo discutir e instigar a reflexão sobre diversos problemas que enfrentamos no nosso cotidiano. Para isso a cada ano baseado na realidade gritante do povo brasileiro, escolhe um tema

<sup>50</sup> CNBB. *Texto-base da Campanha da Fraternidade de 2004*. Brasília: Edições CNBB, 2003. p. 13.

<sup>51</sup> RIBEIRO, Wagner Costa. *Geografia Política da Água*. São Paulo: Editora Annablume, 2008.

e aprofunda a realidade, discussão e reflexão sobre o mesmo, baseado nas três etapas de sua metodologia. Na primeira, os cristãos são convidados a olhar para a realidade do tema proposto, no segundo momento, o de julgar, a realidade analisada é submetida ao livro sagrado, no caso a Bíblia e a terceira fase é aquela em que os membros da igreja são convidados a fazer uma ação para combater o problema que a CF expôs para reflexão. Dentro desses passos a campanha é dividida em dois aspectos: o primeiro é no âmbito pessoal, de conversão e conscientização do assunto. O segundo é no aspecto social, onde o religioso é instigado a deixar o intimismo e se envolver com o problema.<sup>52</sup>

## 2.1 Ver

Quanta coisa mudou no mundo, desde quando, há oito séculos, Francisco de Assis louvou a humildade e castidade da água, no seu Cântico das Criaturas! Há quinhentos milhões de anos, as águas do nosso planeta são as mesmas, fazendo seu ciclo natural de evaporação, chuva, infiltração no solo e formação de fontes, rios, lagos e lençóis subterrâneos. Depois de terem prestado enormes serviços a toda espécie de vida, elas novamente evaporam, recomeçando o seu ciclo.<sup>53</sup>

Estuda-se nas disciplinas escolares todo o processo do ciclo da água, porém todos esses estudos técnicos e informativos não trazem ensinamentos de conscientização do uso e cuidado. O conteúdo é técnico e científico, mas muitos não falam dos perigos que a falta de respeito à natureza pode causar. É passada uma ideia de que há uma quantia de água interminável na face da terra. Nas novas gerações, através de informações desse tipo, contribuiu-se para que uma boa parte das pessoas adquirissem hábitos mais despreocupados com o zelo ao meio ambiente. Hoje se percebe gradativamente uma mudança de comportamento nas novas gerações, esses novos quadros dentro das grades escolares buscam semear uma maior conscientização, muitas vezes, procurando multiplicadores, coerentes e também instigando os pais a se comportarem de maneira mais correta, chamando atenção para a economia e a conscientização, e muitas vezes levando até a ideia de reestruturação para coletas e reaproveitamento de água no âmbito doméstico. É um jeito de “ver” que, conseqüentemente, leva ao julgar e ao agir e prepara para um futuro mais consciente, ético e responsável.

O ver nos mostra a dura realidade que vivemos em relação à água e à degradação do meio ambiente. É através dessa visão que podemos discernir o quanto vem se perdendo na pureza das nascentes, no zelo pelos rios e até mesmo

---

<sup>52</sup> PORTAL Comunitário Ponta Grossa. Disponível em: <<http://www.portalcomunitario.jor.br/index.php/novidades/270geral/bloco?start=35>>. Acesso em: 10 jul. 2015.

<sup>53</sup> CNBB, 2003, p. 50.

em alguns aquíferos mais vulneráveis a alguns fatores desmedidos da poluição causada pelo ser humano. O que precisamos buscar ver são os fatores que tornam a água cada vez mais vulnerável à poluição. Por exemplo, o uso de agrotóxicos, o consumo desenfreado dos agregados na constante busca por mais produção, com maior rendimento quantitativo e econômico, os erros cometidos no uso político e econômico de um patrimônio natural, que sustenta todas as necessidades humanas inerentes, tais como alimentação, saúde, higiene pessoal, etc.

A prática implantada por Jesus de pastorear, cuidar, salvar, proteger e dar a vida para que a mesma seja preservada e multiplicada demonstra ter caído no esquecimento dos cristãos (cf. 10,10). Isso reforça que o nível da consciência cristã está muito abaixo do esperado por Jesus, inclusive nossas atitudes parecem estar muito aquém dos discípulos.

Nós somos água. O corpo de um bebê é 90% água, o corpo de um adulto, 70%. Nosso planeta, à semelhança de nosso corpo, tem 70% de sua superfície coberta por água. Nós nascemos numa bolha de água. No ventre materno passamos nove meses dentro de uma bolsa com o líquido amniótico. Ele contém todas as substâncias necessárias para crescermos até saltarmos para o mundo. Podemos ficar várias semanas sem comer, mas se não ingerirmos líquidos, em dois dias começa o processo de falência múltipla dos órgãos, levando uma criança à morte em cinco dias, e em dez, um adulto. Todas as formas de vida dependem da água. Não existe vida onde não há água. Por isso, do ponto de vista biológico, água e vida não podem ser separadas. A saúde depende da água. A maioria das doenças do planeta é causada pelo uso de água imprópria para o consumo humano. Hoje em dia, segundo a Organização das Nações Unidas (ONU), aproximadamente 1,2 bilhões de pessoas não tem água de qualidade para beber e 2,4 bilhões não tem serviços sanitários adequados. A cada ano morrem dois milhões de crianças devido a doenças causadas por água contaminada. Nos países mais pobres, uma em cada cinco crianças morre antes dos 5 anos de idade por doenças relacionadas à água. A metade dos leitos hospitalares do mundo está ocupada por pacientes afetados por enfermidades relacionadas à água.<sup>54</sup>

No processo metodológico de ver, precisamos ir além desse contexto, lançar um olhar mais crítico e participativo, principalmente nas questões organizacionais e políticas. Segundo o material da CF 2004, são alarmantes os números referentes aos caóticos processos de distribuição de água e coleta de detritos, como podemos ver na nota abaixo:

No Brasil, o direito à água está absolutamente comprometido. Segundo dados da Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS), 20% da população brasileira não tem acesso à água potável, 40% da água das torneiras não tem confiabilidade, 50% das casas não têm coleta de esgotos

---

<sup>54</sup> CNBB, 2003, p. 50-51.

e 80% do esgoto coletado é lançado diretamente nos rios, sem qualquer tipo de tratamento. Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre saneamento se aproxima dos dados da OPAS ao afirmar que 54,4% das crianças na faixa de zero a 6 anos vivem em residências sem saneamento adequado. Nos aspectos gerais, os dados do governo brasileiro são muito próximos aos dados da OPAS, quando trata dos índices urbanos; quanto aos índices rurais, 92,4% da população conta com serviços de água, 50,9% tem coleta de esgoto e 25,6% recebe tratamento de esgoto. No meio rural brasileiro, a situação da água potável é ainda mais crítica. Segundo dados da Associação Brasileira da Reforma Agrária (ABRA), 90% da população rural brasileira não tem acesso à água encanada.<sup>55</sup>

Um contraponto muito interessante no subsídio da CF diz: “obviamente água encanada não significa, necessariamente, água potável, Assim como não ter água encanada não significa não ter água potável”.<sup>56</sup> Então se remete à ideia de que se pode encontrar água potável que venha diretamente da fonte, mesmo diante da ameaça constante às nascentes e aquíferos. Conhecendo-se a fonte, seu uso pode ser sim apropriado. Sendo assim, nem sempre água encanada é sinal de água pura.

Em se tratando de recursos naturais, sabemos que a água é o recurso mais abundante no planeta, apesar de somente 0,0007% estar disponível para consumo humano, “o Brasil tem 12% da água doce do mundo”, com concentrações espalhadas em diferentes regiões do país, sendo que a maior concentração está no Norte, com 50,78%, e a menor no Centro-Oeste, com 33,40%, com populações em menor e maior quantidade nessa ordem, o que leva a um futuro de incertezas diante do risco de desabastecimento.<sup>57</sup>

### 2.1.1 Água, necessidade e direito de todos

A água é uma necessidade primária, portanto, direito e patrimônio de todos os seres vivos, não apenas da humanidade. A água é, por excelência, um bem de destinação universal. A primazia da vida se estabelece sobre todos os outros possíveis usos da água. Nenhum outro uso da água, nenhum interesse de ordem política, de mercado ou de poder, pode se sobrepor às leis básicas da vida. Nesse sentido, a ONU coloca a água para consumo humano no contexto do “direito humano à alimentação. Várias organizações não-governamentais lutam por essa dimensão da água em nível planetário. O Brasil é signatário da convenção dos direitos humanos.”<sup>58</sup>

Partindo dessa linha de raciocínio, podemos nos certificar de que a água é o elemento indispensável para os seres vivos. Assim como a semente precisa de água

<sup>55</sup> CNBB, 2003, p. 50-51.

<sup>56</sup> CNBB, 2003, p. 51.

<sup>57</sup> CNBB, 2015, p. 27-29.

<sup>58</sup> CNBB, 2003, p. 53.

para germinar, o embrião para a hidratação, a água é fonte vital para toda a forma de vida.

Por ser “solvente universal”, a água tem mais usos que simplesmente o consumo humano e a satisfação das necessidades vitais dos demais seres vivos. É essa utilização variada que se convencionou chamar de “uso múltiplo das águas”[...].<sup>59</sup>

Algumas informações retiradas do material da Campanha da Fraternidade, de suma importância, são as que nos trazem números da época desse estudo, referentes ao consumo. Por exemplo, “em nível mundial, esse uso responde pela utilização de 10% da água. No Brasil o consumo humano é responsável por 18% da utilização das nossas águas”. Diante desse alto consumo brasileiro em face ao maior problema de saneamento urbano, a água consumida, que deveria ser devolvida ao curso natural após tratamento, é despejada como esgoto, sem tratamento. Isto apesar de ser cobrado do consumidor taxas para esse fim. É indiscutível a necessidade do uso da água em outros setores, tais como produção agrícola e irrigações, que consomem “63% da água doce utilizada. Além desses, muitos outros setores também dependem do uso da água, entre eles energia, navegação, lazer, medicina, indústrias, dentre outros”.<sup>60</sup>

### 2.1.2 Dimensões e valores

“Além de *usos*, a água tem *dimensões, valores e significados* que precisam ser respeitados, porque são referências fundamentais para muitos povos”.<sup>61</sup> Entre esses valores, dimensões e significados da água, podemos resumidamente citar os seguintes: “valor biológico; valor simbólico e espiritual; valor paisagista e turístico; dimensão política e de poder, dimensão poética e artística. Dimensão saúde e dimensão ecológica”.

O uso da água como instrumento de poder é condenado pela consciência moral e pela ONU. Apesar disso, em várias regiões do mundo, a água é instrumentalizada como mecanismo de pressão e controle. Caso clássico é o do Oriente Médio, onde o controle dos recursos hídricos tem papel estratégico. A instrumentalização da água como arma de pressão é um crime contra os Direitos Humanos, pois viola o direito à vida.<sup>62</sup>

---

<sup>59</sup> CNBB, 2003, p. 54.

<sup>60</sup> CNBB, 2003, p. 54.

<sup>61</sup> CNBB, 2003, p. 58-59.

<sup>62</sup> CNBB, 2003, p. 60.

Diante de todas essas dimensões em que a água se encontra, estudar o tema seria uma enorme abertura de leques para conscientização de sua importância na vida humana, que vai da criação ao sacramental. Muitos povos consideram seus rios sagrados, como exemplo Ganges, Yamuna, na Índia. Isso porque acreditam que nele todos se igualam. Na África acredita-se que nas fontes estão seus orixás e os cristãos encontram na água a simbologia de seus ritos sacramentais.

Então o povo discutiu com Moisés dizendo: “Dê-nos água para beber”. Moisés respondeu: “Por que vocês discutem comigo e colocam Javé à prova?” (Ex 17.2). Podemos perceber que desde o Antigo Testamento o povo já convivía com a falta de recursos hídricos e não conseguiu perceber o peso da responsabilidade de preservar a natureza e o cosmos. Não entendeu que Jesus veio para salvar toda a criação, inclusive o ser humano. Nesse sentido, essas pessoas se colocaram diante da Criação como meros expectadores e não preservadores de algo tão sagrado como a água. Conforme o texto bíblico acima citado, o povo quer colocar Javé a prova por uma irresponsabilidade, fruto das suas próprias escolhas. Sendo assim, o povo precisa ter uma conscientização mais racional e espiritual, pressupondo-se a isenção de Deus nesse cenário.

Leonardo Boff, em seu livro “O Senhor é meu Pastor – consolo divino para o desamparo humano” cria uma relação entre o Salmo 23, “Javé é meu Pastor, nada me falta [...]”, com dois símbolos poderosos desse Salmo: pastor e hospedeiro. Cita o simbolismo do pastor como aquele que guarda e conduz. Assim como está escrito em Jo 10,7-10, Jesus deixa claro de onde vem todo esse estímulo que moveu o povo de Deus, principalmente aqueles que precisavam atravessar o deserto, onde não há pastagem verdejante e nem água. Ligado a esse simbolismo, Jesus faz alusão ao oásis e descreve a água ali corrente como vida, alegria, expressão do coração.

Essa referência consolida nossa percepção de que sem água não há vida, não há o fundamento da geração nem da sustentação do desenvolvimento. No percurso natural está, portanto, o valor vital da água para as necessidades biológicas. Como a vida não pára e é um ciclo de desenvolvimento, fecundação e sustentação, a água toma outras proporções. O constante ciclo da vida agrega a ela outros valores e dimensões que devem vir acompanhados da conscientização de que o gerenciamento do seu uso é também uma responsabilidade do ser humano, que passa a ter o papel de agente social inserido na vida planetária.



Essa sociabilidade que permite o desenvolvimento dos ciclos da vida leva a dimensões mais abrangentes do seu uso, palpáveis ou não, visíveis ou invisíveis, como a importância sacramental, simbólica e espiritual dentro das religiões, trazidas pela cultura e costumes da fé e das crenças de um povo. O respeito para com a água, nesse aspecto, é tão sacramental que todo o ato de desvalorização, poluição e mau uso passa a ser um atentado contra tudo o que há de mais divino, contra Deus e contra aqueles que Ele criou à sua imagem e semelhança.

### 2.1.3 Um novo discurso sobre a água

O manual da CF 2004 afirma que “o valor econômico da água funciona como mecanismo de gerenciamento dos recursos hídricos [...], tendo que pagar, a utilização da água será mais racional e cuidadosa”<sup>63</sup>. Diante disso, para entender melhor a valorização da água, não só pela sua necessidade à vida ou por um bem que nos é oferecido gratuitamente, pelo qual temos grande responsabilidade, mas também pela valorização econômica pela qual é ofertada à humanidade. Levando essa tese em consideração, questiona-se: então por que a água não é cuidada com a mesma dimensão com que cuidamos de nossos bens adquiridos com trabalho e muitas vezes com dificuldade, como um carro, uma moto, uma casa, uma joia? Por que seu valor ainda é baixo? Talvez pelo seu valor econômico baixo como se afirmava a cima.

A água tem um valor econômico em todos seus vários usos e deveria ser reconhecida como um bem econômico. Seguindo esses princípios [...], é especialmente crucial reconhecer o direito básico de todos os seres humanos a terem acesso à água potável e ao saneamento a um preço que possam pagar. A inabilidade em reconhecer o valor econômico da água no passado levou ao desperdício e a usos que foram prejudiciais ao meio ambiente. Gerenciar a água como um bem econômico é um passo importante para obtenção de uso eficiente e igualitário, e para o encorajamento da conservação e proteção dos recursos hídricos.<sup>64</sup>

É necessário alertar para o risco de que quando se passa a ter um senso comum da ideia de que “mais caro é o que mais se cuida [...] corre-se o risco de ver a água como mercadoria, regida pela lei da oferta e da procura ou até mesmo como uma fonte de guerras e conflitos, bem como exclusão dos povos pobres.”<sup>65</sup> As

---

<sup>63</sup> CNBB, 2003, p. 66.

<sup>64</sup> PETRELLA, Riccardo. *O manifesto da água: argumento para o contrato mundial*. 2. ed. Tradução de Vera Lúcia Mello Joscelyne. Petrópolis: Vozes, 2004. p. 97-98.

<sup>65</sup> CNBB, 2003, p. 66, 69-70.

classes mais excluídas e pobres nesse caso, terão que obrigatoriamente pagar por uma água encanada mais cara, muitas vezes sem qualidade, obrigando-a a sacrificar-se muitas vezes pela aquisição de água engarrafada. Sendo assim, devemos manter um alerta aos fatos que levam cada dia a um aumento de indústrias na exploração desse bem, que cresce demasiadamente, enquanto outras indústrias lutam pela possibilidade de se apossarem e gerenciarem a água.

O texto bíblico de Is 41,18-20 mostra a gratuidade com que a água nos foi oferecida e inclusive é um sinal de esperança da presença de Javé junto ao povo oprimido e escravizado. Contudo, também serve como um alerta ao caos que vivemos hoje, porque a água é tratada como uma mercadoria, em que quem tem maior acesso a ela são aqueles que tem poder econômico. Todos precisam pagar para consumir.

#### 2.1.4 Degradação e desperdício das águas brasileiras

Para que possamos escapar das tendências atuais, pelo menos três mudanças terão que ocorrer nos próximos dez a quinze anos. A primeira mudança tem a ver com a maneira como recebemos a água, em especial as relações entre seres humanos e a água [...]. A segunda mudança refere-se à apropriação, por parte do Estado, da soberania e dos direitos de propriedade sobre a água. A terceira mudança refere-se à lógica – hostil tanto à solidariedade quanto a sustentabilidade [...].<sup>66</sup>

O Brasil é o país com a maior extensão de bacias hidrográficas do mundo. Esse dado leva a uma grande cilada: o fato de que há água em abundância faz pensar que não há necessidade de uma conscientização maior de proteção a esse recurso natural. Essa ideia de abundância comumente leva ao descuido e a ações ocasionam a poluição de rios, mananciais, conforme constata o material da CF 2004.

Os rios não estão sendo apenas poluídos, eles estão sendo eliminados. Só no oeste da Bahia, mais de trinta nascentes e pequenos afluentes do São Francisco desapareceram.<sup>67</sup> O São Francisco é um rio em agonia e há quem preveja sua extinção 2060.<sup>68</sup> Exemplos como este podem ser levantados empiricamente em cada recanto de nosso País.<sup>69</sup>

Outras questões que elevam o índice de degradação e desperdício das águas em nosso país e que precisam ser observadas e reflexivamente discutidas

<sup>66</sup> PETRELLA, 2004, p. 31, 34, 37.

<sup>67</sup> CNBB, 2003, p. 74.

<sup>68</sup> CNBB, 2003, p. 74.

<sup>69</sup> CNBB, 2003, p. 74.

dizem respeito a água do subsolo, “segundo especialistas, temos, o equivalente a cinco mil m<sup>3</sup>/ano por pessoa são aquíferos importantes, e muitos até intocáveis pelo ser humano, porém sem conhecimento da qualidade de suas águas, por isso a contaminação de muitos lençóis subterrâneos, já é fato comprovado”.<sup>70</sup> Outros fatores importantes que devem ser levados em consideração são as diferenças do movimento pluvial de regiões distintas no país. Independentemente da quantidade, não há um sistema de captação arrojado para o uso desses deságues. Torna-se assim um grande problema, com erosões e devastações de áreas urbanas habitadas,

No Brasil a pluviosidade varia de região para região, indo de 4.557 mm/ano, registrado na Serra do Mar, norte de Santos (SP), passando por três mil mm/ano na região Norte (clima equatorial), até uma média de 750 mm/ano no semi-árido, mas que pode chegar ao mínimo de 300 mm/ano. Entretanto, esse é um potencial de água pouco aproveitado.<sup>71</sup>

A revitalização das fontes de água é complexa e necessita de um olhar contextual. Não basta chover, juntar a água, preservar nascente, rios, afluentes e aquíferos. O cuidado com o meio ambiente é amplo e base fundamental para a renovação desse ciclo de vida. Nesse ponto é bom observarmos questões como geração de energia. Apesar da Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura (FAO) não disponibilizar os números em relação à quantidade necessária para a geração de energia, sabe-se que mais de “90% da energia Brasileira é fornecida pelas usinas hidrelétricas e 10% são utilizadas pelas usinas termelétricas ou nucleares”.<sup>72</sup>

A constatação geral é que, num futuro próximo, a água será um recurso mais raro, capaz de provocar disputas internacionais. O Brasil apresenta uma situação de exploração e uso predatório de seus recursos hídricos. A água sofre naturalmente alterações de qualidade, mas os prejuízos mais importantes decorrem de ações humanas. O tratamento prévio de esgotos urbanos e indústrias fator fundamental para conservação dos recursos hídricos.<sup>73</sup>

Diante dessa certificação de que o Brasil e o planeta caminham para o risco enorme de escassez desse recurso natural, fica mais claro a desenfreada corrida pelo poder, privatização total e ganância econômica que move indústrias e

---

<sup>70</sup> CNBB, 2003, p. 75.

<sup>71</sup> CNBB, 2003, p. 75.

<sup>72</sup> MUNDO EDUCAÇÃO. *Energia Hidrelétrica*. Disponível em: <<http://www.mundoeducacao.com/geografia/energia-hidreletrica.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

<sup>73</sup> CNBB, 2015, p. 29.

empresários, deixando mais claro que os investimentos estão acima de tudo, do cuidado com tudo e todos que necessitam de água. Pode-se ter essa ideia olhando para o passado e para o futuro. Vimos que a história de ontem e o presente de hoje nos fala de graves acidentes ambientais, como alguns citados abaixo:

1984 – Bhopal – Índia - A tragédia de Bhopal foi um desastre industrial que ocorreu na madrugada de 3 de dezembro de 1984, quando 40 toneladas de gases tóxicos vazaram na fábrica de pesticidas da empresa norte-americana Union Carbide. É o pior desastre industrial ocorrido até hoje. Mais de 500 mil pessoas, a sua maioria trabalhadores, foram expostas aos gases e pelo menos 27 mil morreram por conta disso. A Union Carbide, empresa de pesticidas de origem americana, se negou a fornecer informações detalhadas sobre a natureza dos contaminantes, e, como consequência, os médicos não tiveram condições de tratar adequadamente os indivíduos expostos.

1986 – Chernobyl – Rússia - O acidente nuclear de Chernobyl ocorreu dia 26 de abril de 1986, na Usina Nuclear de Chernobyl (originalmente chamada Vladimir Lenin) na Ucrânia (então parte da União Soviética). É considerado o pior acidente nuclear da história da energia nuclear, produzindo uma nuvem de radioatividade que atingiu a União Soviética, Europa Oriental, Escandinávia e Reino Unido, com a liberação de 400 vezes mais contaminação que a bomba que foi lançada sobre Hiroshima.

2000 – Rio de Janeiro – Brasil - A maior estatal brasileira, a Petrobras, foi responsável, no dia 18 janeiro, pelo derramamento de mais de um milhão de litros de óleo na baía de Guanabara. Em julho do mesmo ano, mais um acidente. Desta vez, cerca de quatro milhões de litros de óleo cru vazam de refinaria em Araucária (PR).<sup>74</sup>

A mídia se refere a essas catástrofes como se fossem tragédias naturais. Qual seria a maneira certa; tragédias naturais ou crime? Na verdade são tragédias que poderiam ser evitadas através de ações de responsabilidade e comprometimento com o meio ambiente, porém, a ganância, aliada com desobrigação ambiental, com falta de fiscalização, troca de favores e mais ainda com negociações ilícitas, geram catástrofes de valor incalculável para o planeta e para o ser humano. Em Mariana, Minas Gerais, os rompimentos de barragens de rejeitos criaram um tsunami de lama, que levou a morte e ao desaparecimento de um número ainda não exato de pessoas, como também a morte lenta e dolorida do rio Doce em uma guerra de omissões e incertezas. “Segundo os primeiros levantamentos, dos 55 milhões de m<sup>3</sup> de rejeitos armazenados na barragem de Fundão, pelo menos 40 milhões atingiram o rio [...]. Outras duas barragens vizinhas,

---

<sup>74</sup> PREVENÇÃO ON LINE. *Os nove maiores acidentes ambientais da história*. Disponível em: <<http://www.prevencaonline.net/2010/06/os-nove-maiores-acidentes-ambientais-da.html>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

Santarém e Germano, correm risco de se romper”<sup>75</sup>, podendo dessa forma criar uma catástrofe maior ainda, com dimensões imensuráveis e trazer destruição ainda mais longe de seu local de origem, afetando assim boa parte da flora, fauna e água potável em um sistema que lentamente mata pelo capitalismo.

Outro fator importante é a participação dos oceanos como parte fundamental no ciclo da chuva e sua rica biodiversidade. Daí vem à necessidade de uma conscientização e um olhar diferenciado a essas águas, que por serem salgadas, imagina-se serem em partes dispensáveis de cuidado e zelo.

Esse modo de ver a riqueza da água como um patrimônio de todos os seres vivos nos remete à visão ampla da vida no planeta, pois a água está destinada a todos que dela dependem para sobrevivência. Sendo assim, é um dever de cada um fazer a sua parte no zelo e consumo para que todos tenham condições de vida plena. A CF nos proporciona um olhar – ver – para a amplitude de todo esse recurso, a necessidade humana relacionada a ela e direciona a procura de uma atitude coletiva de cuidado, respeito e conscientização.

## 2.2 Julgar

Diante da crescente devastação da natureza, brota do profundo do coração humano o grito ético. Não! Não podemos sacrificar no altar do capital a vida da humanidade de hoje e de amanhã, o respeito a todo ser vivo, o cuidado do jardim da Terra. Ontem, a ética se regia pela ordem do cosmos. O ser humano olhava a natureza e via que o sol nascia para bons e para maus, que chovia na horta do pobre e do rico, que fazia frio ou calor tanto para o branco para o negro. Logo, a natureza está a nos ensinar a fundamental igualdade do ser humano. E dessa lição surgia um agir equitativo.<sup>76</sup>

“Bendito sejas, Deus criador de todas as águas! Sobre as águas primeiras firmastes o universo habitável. Povoastes as águas e terra com vossas criaturas”.<sup>77</sup> (Rito de Batismo). Desde a criação do mundo, Deus sabia que sem água nada seria possível, tanto que a criou e nela colocou vida, vidas que nela vivem e vidas que dela dependem. Na Bíblia, a palavra água aparece 93 vezes<sup>78</sup> e se relaciona

<sup>75</sup> IHU. *Prejuízos da tragédia de Mariana devem ser pagos pela Samarco, e não pelo FGTS das vítimas*. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/549261-prejuizos-da-tragedia-de-mariana-devem-ser-pagos-pela-samarco-e-nao-pelo-fgts-das-vitimas>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

<sup>76</sup> LIBANIO, João Batista. *Ecologia vida ou morte?* São Paulo: Paulus, 2010.

<sup>77</sup> RITUAL do Batismo da criança. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?isbn=8515019485>>. Acesso em: 22 ago. 2015.

<sup>78</sup> SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *Chave bíblica*: compendia quase sete mil verbetes com mais de quarenta e cinco mil referências a passagens bíblicas e cinquenta e uma biografias de

intimamente com a vida. É através dela que no Antigo Testamento, Deus muitas vezes traz esperança e coragem. No Novo Testamento Jesus tira o pecado pela água (batismo) e devolve vida nova (pelo batismo recebemos vida nova). A água é de importância fundamental para os ritos religiosos e é por ela que muitas cerimônias tomam uma dimensão sagrada.

Muitos economistas reduzem a água a um “capital natural”, um instrumento para uso do humano, um fator de produção como outro qualquer, mas produzido pela natureza, com preço zero.<sup>79</sup> A água é uma dádiva de Deus para todos nós, pois além do seu valor em si, ajuda na produção de muitos outros elementos para o nosso sustento. Por seu inestimável valor biológico e social, a água requer uma gestão que priorize esses valores, em subordiná-los a interesses de ordem econômica. É o que nos ensina a visão cristã e nos obriga à ética [...].<sup>80</sup>

Diante desse juízo fica explicitamente claro que sem água não há vida e nem transformações. A humanidade reage de forma errônea em relação aos alertas feitos diante do cenário preocupante que estamos vivendo a respeito da degradação da natureza. Esta tem como grande consequência a falta de água e à sua poluição. Julga-se, apesar de fatos concretos, que muito é sensacionalismo e vive-se a ilusão de que haverá água para todo o sempre. Esse modo de pensar faz com que o povo siga com o uso desmedido, sem pesar as consequências, sem impor limites rigorosos e buscar estratégias de prevenção. Se as ações não sofrerem uma mudança imediata, ainda veremos não só uma parte da humanidade, como já acontece, clamando pelo fim da seca, pela volta do reabastecimento, mas sim um planeta inteiro, uma humanidade perdida em clamores em meio a um deserto de pedras, abandono de lares e pátrias, sem noção de onde ir para buscar água. O que já foi abundante começa a desaparecer pelas próprias ações e delinquência daqueles que mais que cegos não “quiseram” ver os sinais que foram dados. A natureza, que ora movimentada-se morosa, espera que diante desses sinais o período de torpor da humanidade em relação às questões ambientais passe. “A criação geme em dores de parto” (CF 2011), e vai dando respostas às ações humanas. Os seres humanos, por sua vez, rapidamente ignoram esses gemidos, por mais relevantes que sejam. Um dia lembraremos que terão sido inúteis todos os alertas e leremos o que foi escrito a muitos anos nas Escrituras Sagradas como se tivesse

---

personagens da Bíblia. Ed. rev. e atual. da tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1998.

<sup>79</sup> CNBB, 2003, p. 95.

<sup>80</sup> CNBB, 2003, p. 96.

sido hoje. Então será tarde: nada que se faça reconstruirá aquilo que sem água não conseguirá mais se transformar.

Palavra que Javé dirigiu a Jeremias, por ocasião da seca: Judá está de luto e suas cidades desfalecem; elas se inclinam sombrias, e Jerusalém lança gritos. Os ricos mandam seus servos em busca de água. Eles vão até aos poços, mas não encontram água, e voltam com os baldes vazios. Envergonhados e frustrados, cobrem a cabeça. Por causa do chão que está rachando, pois não chove na região, os lavradores cobrem a cabeça envergonhados e frustrados. A corça no mato dá cria e abandona o filhote, pois não há capim. Os jumentos bravos ficam em pé no alto das colinas em busca de ar puro, como chacais, porém a vista deles se apaga por falta de capim (Jer 14.1-6).<sup>81</sup>

### 2.2.1 Água nas tradições religiosas

A água que leva em si as mais variadas formas de vida, também leva o poder do espiritual, da bênção, da cura e da sustentação, o que faz com que seu valor não seja meramente de ordem material e econômica, e sim, uma dádiva divina criada em favor de todos nós. Toda essa beleza espiritual carregada sacramentalmente pela água permite com que todo seu uso sagrado fortaleça a ética do cristão. Isto no uso e nas ações tanto de maneira social como econômica. Permite-nos vê-la também como parte dos mistérios de Deus.

Um mistério tremendo e fascinante, constituído de dois elementos contrários, mas não contraditórios um racional (o que é redutível a categorias humanas como a bondade, a sabedoria de Deus) e outro irracional, o que resiste a qualquer redução racional, sendo inteiramente outro.<sup>82</sup>

*Perspectivas bíblicas.* Ao abrir o tesouro que nos foi confiado nas Sagradas Escrituras, nos deparamos com a memória de um povo cuja história é marcada pela água. A terra de Israel, a Palestina, está situada no meio do chamado “crescente fértil”: uma faixa de terras férteis que inicia na bacia do rio Nilo, no Egito, ao sul e se junta, ao norte, às bacias dos rios Tigres e Eufrates, na Mesopotâmia. Contíguos a essa terra fértil, em muitos casos misturando-se com ela, encontram-se desertos e estepes semiáridas. A chuva é escassa e a irrigação natural, precária [...]. Nessa região, orvalho, chuva e água são sinais de ação benéfica do céu que gera a vida. Quantas vezes as memórias do povo guardaram essas bênçãos, carregadas de esperança!<sup>83</sup>

Há milhares de anos quando do surgimento da agricultura, os povos começaram a ter noção da necessidade da água para o cultivo e a importância econômica da mesma. Esse avanço da humanidade trouxe uma nova realidade

<sup>81</sup> BÍBLIA Sagrada: Edição Pastoral. São Paulo: Paulinas, 1990.

<sup>82</sup> CNBB, 2003, p. 96.

<sup>83</sup> CNBB, 2003, p. 97.

diante da pouca exploração política e econômica da água. Dava início assim a muitos conflitos. Ficou claro que aqueles que tinham maiores condições e poder se apossavam de terras onde havia água, muitas vezes deixando o povo na sua dependência e escravidão para poder obtê-la, conforme alguns relatos do material da CF 2004.

Os grupos nômades e seminômades das estepes, criadores de pequenos rebanhos de ovelhas, podiam contentar-se da ação benfazeja dos céus. Nosso pai Abraão levava seu rebanho até os lugares onde havia árvores grandes, [...] (cf. Gn 13,18; 12,6; 14,13; 18,1) Quando em seguida, a agricultura doméstica do cereal, tornou-se, também, fonte de vida para as famílias, os poços passaram a ocupar o centro das atenções das matriarcas e dos patriarcas de Israel, [...] (Gn 16,3-14; 21,17-19; 24,11-14; 25,11; 26,25; 32-33; 29,10; Ex 2,15-17). A agricultura precisa que a água seja encontrada na terra onde se planta e se cultiva o cereal. A partir desse momento, a água será, também, causa de disputa e de conflito. A posse da terra comporta, também, a posse da água, para que a terra possa produzir frutos, [...] (Jz 1,15). O controle das fontes e dos poços será a causa de inúmeros conflitos [...]. Aos poucos as terras férteis ficaram concentradas nas mãos de poucos senhores e "reis", e os pequenos agricultores tiveram que abandonar seus campos ou se sujeitar aos tributos e à corvéia.<sup>84</sup> A história do povo e dos povos é marcada pela opressão e pela dominação.<sup>85</sup>

Desde então os conflitos se instituem, avançaram e giraram em torno da falta de distribuição, falta de gerenciamento dos recursos hídricos, crescimento populacional, expansão da agricultura, disputas governamentais e outros que ajudaram a mudar o cenário de um planeta de paz e harmonia. Esta ideia passa a ser utopia, sonho inalcançável. Movidos por essa utopia e na busca de um planeta de igualdade fazem parte da grande bênção.

Jesus torna sua vida pública ao se batizar nas águas do Rio Jordão. É pela água que somos chamados à introdução na vida cristã, a partir daí seguimos nossa missão, animados pelo Espírito Santo para a transformação do mundo. A água faz parte de uma das atitudes de maior humildade do próprio Cristo. Na Ceia de Betânia, Jesus lavou os pés dos apóstolos para que os mesmos fizessem parte d'Ele. Em outra passagem, Jesus transforma água em vinho e no poço pede água à mulher adúltera. Em todas elas a água é motivo de aproximação, de vida nova, de conversão.

Difícilmente um ser humano com valores éticos bem definidos não tratará a água dentro de seus valores morais. Estes passam pelo ver a gratuidade com que lhe foi oferecida e o julgar seu uso dentro da espiritualidade. Porém, muitos desses

---

<sup>84</sup> CNBB, 2003, p. 98-99.

<sup>85</sup> CNBB, 2003, p. 98-99.



valores éticos se demonstram ameaçados quando a questão água passa da realidade econômica viável para o fato de se ter lucro sobre ela.

Haverá sempre um confronto ético entre aqueles que defendem a ideia de que a água deveria ser gratuita para as necessidades básicas do ser humano, alimentação, higiene pessoal, e entre aqueles que visam um valor somente para gerenciamento e distribuição e aqueles que individualizam a questão, vendo nela uma forma de lucro e poder. A CF 2004 traz três princípios éticos fundamentais para vencer a guerra na questão água. São eles:

Princípio do cuidado – Hoje o que mais lamentamos é a falta de cuidado para com a vida, os ecossistemas, os solos, os ares, as águas. Sendo a água vida e pelo fato de a saúde humana depender fundamentalmente dela, a relação mais adequada para com ela é exatamente o cuidado [...]. Princípio da solidariedade – Todos os seres são interdependentes, porque vivem enredados numa teia de relação de cooperação e solidariedade que garantem sua existência e sustentabilidade. Os seres humanos são por excelências, seres de cooperação. Hoje é imperativo colocarmos a cooperação como centro do projeto humano [...] é pela solidariedade entre as gerações que preservamos os direitos das gerações futuras, pois elas têm direito de herdarem água potável suficiente, de qualidade para todos e para a comunidade de vida. Princípio da corresponsabilidade – A responsabilidade surge a partir do momento em que nos descobrimos sujeitos de nossos atos e nos damos conta das consequências deles para os outros e a natureza, no caso, para a água [...]. “Aja de tal forma que as consequências de seus atos sejam benéficas para a vida”, é uma tradução desse antigo princípio para os tempos tecnológicos.<sup>86</sup>

“Ética é a concepção dos princípios que eu escolho, moral é a sua prática.” (Mario Sergio Cortella). Pode-se gerar uma lista enorme de princípios escolhidos para nortear a vida, mas se não praticá-los não haverá moral para lançar argumentos a uma sociedade que não consegue julgar o quanto é aguda a crise da água, que não toma consciência da consideração que tem que haver pela gratuidade da água, muito menos que possa virar “petróleo azul”, como muitas matérias já a estão tratando. Se a ética não tiver voz e vez a humanidade continuará com a mentalidade de que água é para sempre, inacabável. Ética é despertar a consciência para o fato de que todos nós somos responsáveis pela água, que devemos agir com solidariedade e buscar valores que sejam possíveis a todos, como também o seu acesso e a vida de todos que dependem dela.

Há uma observância muito importante que se pode fazer mesmo cercados de toda essa mística que envolve água, de toda essa relação entre água e tradições religiosas: a água não perde sua essência, ou seja, a água é um simbolismo único

---

<sup>86</sup> CNBB, 2003, p. 108-109.

no mundo, “a água é um órgão do mundo” escreveu Gaston Bachelard. Assim não há como negar o cuidado que precisa ser dispensado a um órgão tão vital à nossa vida, um órgão do qual dependemos para que a vida se mantenha pulsante, já que sem água seríamos como um terreno rochoso, sem vida, sem beleza.<sup>87</sup>

## 2.3 Agir

### 2.3.1 Promover o levantamento da realidade local

Diante da dimensão que toma o problema da água, não só em nosso país, mas no mundo inteiro, não nos é permitido agir somente como expectadores. Precisamos promover ações que levem nossas comunidades ao conhecimento do cenário no qual vivemos, e no qual também firmamos nossas estruturas e criamos expectativas futuras. Conseguiremos agir na medida em que buscarmos conhecer profundamente todos os processos organizacionais e toda a estrutura natural da região onde vivemos. Assim como um médico precisa detalhar a área específica que irá tratar, precisamos também mapear e detalhar a região onde vivemos para poder agir estrategicamente na preservação do recurso da água por meio de políticas e medidas econômicas mais sustentáveis, especialmente nas questões de gerenciamento e distribuição. Nada justifica a omissão humana. Não se pode observar a destruição, diante da TV, dos relatos jornalísticos e das negligências governamentais, enquanto nos habituamos com a água que chega a nossas torneiras. Quanto mais à degradação avança, mais a morte devasta. A água é mística que envolve a vida, porque ela é a mística que envolve toda a criação.

[...] - Mística da água: É preciso desenvolver uma nova mística da água, no contexto de uma nova mística ecológica. A mística da água é fundamentalmente a mística da vida. Essa nova mística exige uma verdadeira conversão pessoal, um novo olhar sobre a água e a natureza. – Visita aos mananciais: Que a comunidade conheça seus mananciais de água de perto, para valorizar a água que possuem. – Celebração da água nos locais: Celebrações que resgatem a importância da vida e o papel da água na vida. – Motivar a busca de adesão para problemas locais: A valorização da água não é tarefa da nossa Igreja, das outras Igrejas ou das religiões. Ela envolve todas as pessoas que amam a vida e lutam para defendê-la. – Encaminhamento das soluções globais: A água transcende fronteiras e pode irmanar a humanidade. Pela própria natureza de sua temática, a CF pode contribuir para o debate e a busca de soluções em todo o mundo. – Maior uso a água na liturgia: A água sempre teve um intenso

---

<sup>87</sup> BOUGUERRA, Mohamed Larbi. *As batalhas da Água: por um bem comum da humanidade* (1936). Tradução de João Bastita Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2004.

uso litúrgico. Porém, ele pode ser evidenciado ainda mais claramente, mais intensamente, com as bênçãos da água, bênção com água, ritos de purificação, batismos etc. Ressaltar que a água é fundamental à vida. – Sensibilidade sobre a situação mundial da carência da água: Já que a água transcende as fronteiras, a solidariedade também precisa transcendê-las. É preciso conhecer a situação de países com escassez de água, seu sofrimento, principalmente na África e na Ásia.<sup>88</sup>

O material da CF 2004 nos dá uma dimensão estratégica, firme e focada na questão de acompanhamento em várias áreas que estão ligadas a essa organização, que podemos chamar de uma batalha pela água. Alguns caminhos apontados pela CF são “acompanhar política de captação de água de chuva; preservação dos lagos para reprodução na Amazônia; apoiar áreas de preservação ambiental permanente, mananciais e mangues; acompanhar e elaborar projetos de revitalização dos rios; formar pastorais de pescadores; apoiar fóruns de discussão existentes sobre a água e incentivar a criação de novos; apoiar os movimentos de resistência contra a privatização da água.” E tantas ações quanto julgamos serem necessárias conforme a região que estamos e diante da realidade de cada uma.

“Derramarei sobre vocês uma água pura, e vocês ficarão purificados. Vou purificar vocês de todas as suas imundícies e de todos os seus ídolos. Darei para vocês um coração novo, e colocarei um espírito novo dentro de vocês. Tirarei de vocês o coração de pedra, e lhes darei um coração de carne” (Ez 36,25-27). Aqui mais uma vez a água aparece como símbolo de vida, ela é capaz de nos dar um “coração novo”, que significa uma nova consciência inspirada pelo projeto de salvar nossa fonte de vida e um “espírito novo”, que significa compreender esse projeto e colocar em prática (agir). Só através dessa consciência e dessa compreensão nos livraremos de um coração de pedra, egoísta que não consegue pensar na dimensão da importância de ter água em abundância. Só através de um espírito novo nos livraremos do comodismo e da falta de ousadia.

---

<sup>88</sup> CNBB, 2003, p. 114-121.



## CONCLUSÃO

Esse trabalho procurou abordar a vida em abundância e a crise global da água. Permitiu absorver a realidade problematizada, ou seja, a crise da relação do ser humano com o planeta e, conseqüentemente, a crise da relação com Deus, o criador, permitindo que o ato do ser humano de não cuidar do planeta comprometa ao mesmo tempo o seu relacionamento com o criador.

A falta de consciência que leva à crise da água, mostra essencialmente a necessidade desafiadora de exercitar as atitudes do bom pastor e cuidar da água como fonte de vida. Enfrentar essa luta de preservação é um gesto de promover a vida no outro, no diferente, na natureza e implantar na consciência humana a importância e a necessidade do saber cuidar, amar e usufruir desse bem gratuito.

No contexto da crise global da água, a prática implantada por Jesus de pastorear, cuidar, salvar, proteger e dar a vida, para que a mesma seja preservada e multiplicada, demonstra ter caído no esquecimento dos cristãos (cf. Jo 10,10). Isso reforça que o nível da consciência cristã da humanidade está muito abaixo do esperado por Jesus, inclusive nossas atitudes parecem estar muito aquém de discípulos.

Sendo assim, a ética exerce um papel fundamental, que é despertar a consciência para o fato de que todos somos responsáveis pela água. Independente das diferenças mundiais, nacionais e regionais, a crise da água é um problema global, que diz respeito a todo o planeta e a todos aqueles que nele vivem e usufruem de suas riquezas naturais. Por tanto, não se pode agir com ideias simplistas, imediatas ou isoladas, Se a causa não é atacada, os efeitos não serão evitados. Não resolve tirar, por exemplo, uma fábrica da beira de um rio para colocá-la em outro lugar. As águas são interligadas, a atmosfera é uma só, efeitos aqui serão os mesmos que lá. O que leva à mudança é a maneira de agir e os valores transmitidos a cada geração, para tratar a água com um bem findável.

Pode-se gerar uma lista enorme de princípios escolhidos para nortear a vida, mas se eles não forem praticados, não haverá moral para lançar argumentos a uma sociedade que não consegue julgar o quanto é aguda a crise hídrica que o mundo está enfrentando.

Antes de um planeta melhor, é incontestável que haja seres humanos melhores. Portanto, o papel da educação como um ato de lapidar, nutrir, preparar, formar, ensinar e transformar, o ser humano em suas capacidades cognitivas, deve ser articulado e praticado o quanto antes, para que consigamos perceber que ao invés de deixarmos um planeta melhor para os filhos, precisamos deixar filhos melhores para o planeta.

A melhor forma de proteger a água no planeta é tomar consciência de que a natureza pede socorro, grita se manifestando de várias formas, nas catástrofes naturais. A natureza precisa de proteção e não podemos ficar dependendo de interesses governamentais, ou ações isoladas, muitas vezes egoístas. A luta é de todos, é única e unânime.

A realidade cruel da crise da água no planeta deve nos impulsionar a tomar atitudes cristãs e promover ações que possam favorecer o futuro da humanidade. Isso implica, por exemplo, deixarmos de ser egoístas e inconsequentes nas nossas práticas cotidianas. O pastor em Israel defendia as ovelhas contra leões e ursos, com as mãos nuas, e às vezes morria na defesa do rebanho. Jesus repetiu esse gesto ao morrer por nós na cruz, isso para que tivéssemos vida e vida em abundância.

A paridade entre vida em abundância e crise global da água consiste numa reavaliação na relação entre o ser humano e os recursos naturais, especialmente com a água em todos os seus aspectos, do gratuito ao econômico, do particular ao coletivo, do material ao espiritual, contando com a coragem e a disposição necessária do ser humano em dar o melhor de si nessa tarefa de salvação do cosmos e da vida humana. É o desafio para trilharmos um caminho, além da nossa própria salvação, a de eternizar algo tão sagrado que é a vida.

## REFERÊNCIAS

- ABADIA DE MAREDSOUS. Centro Informática e Bíblia. *Dicionário enciclopédico da Bíblia*. São Paulo: Loyola, Paulinas, Paulus, Santo André: Academia Cristã, 2013.
- ALBERTIN, Francisco. *Explicando o Evangelho de João e Cartas: João, Hebreus, Tiago, Pedro e Judas*. Aparecida: Editora Santuário, 2012.
- BARCLAY, John William. *The Gospel of John*. Traduzido por Carlos Biagini. [O Novo Testamento citado por William Barclay]. Trinity College, Glasgow, Escócia, Mayo, 1955.
- BÍBLIA Sagrada: Edição Pastoral. São Paulo: Paulinas, 1990.
- BOFF, Leonardo. *O cuidado necessário*. Petrópolis: Vozes, 2012.
- BOOR, Werner de. *Evangelho de João I*. Título do original: *Das Evagelium des Johannes 1. Teil*. Tradução: Werner Fuchs. Curitiba: Editora Evangélica Esperança, 2002.
- BORTOLINE, José. *Roteiro Homilético*. São Paulo: Paulus, 2006.
- BOUGUERRA, Mohamed Larbi. *As batalhas da Água: por um bem comum da humanidade* (1936). Tradução de João Bastita Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2004.
- CEBI. *Notícia*. Disponível em: <[www.cebi.org.br/noticias.php?seçãoId=21&noticiald4855](http://www.cebi.org.br/noticias.php?seçãoId=21&noticiald4855)>. Acesso em: 30 jun. 2015.
- CNBB. *Texto-base da Campanha da Fraternidade de 2004*. Brasília: Edições CNBB, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Texto-base da Campanha da Fraternidade de 2016*. Brasília: Edições CNBB, 2015.
- CURSO DE Verão XXIX. *Economia promotora dos direitos humanos e ambientais*. São Paulo: Paulus, 2015 – (Coleção Teologia Popular)
- DICIO. *Dicionário Online de Português*. Disponível em: <<http://www.dicio.com.br>>. Acesso em: 07 jul. 2015.
- DROLET, Gilles. *Compreender o Antigo Testamento: um projeto que se tornou promessa*. São Paulo: Paulus, 2008.
- IHU. *Prejuízos da tragédia de Mariana devem ser pagos pela Samarco, e não pelo FGTS das vítimas*. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/noticias/549261-prejuizos-da-tragedia-de-mariana-devem-ser-pagos-pela-samarco-e-nao-pelo-fgts-das-vitimas>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

\_\_\_\_\_. *Quarto Domingo da Páscoa Evangelho de João 10.1-10*. Disponível em: <[www.ihu.unisinos.br/espiritualidade/comentario-evangelho/500091-4o-domingo-da-pascoa-evangelho-de-joao10-1-10](http://www.ihu.unisinos.br/espiritualidade/comentario-evangelho/500091-4o-domingo-da-pascoa-evangelho-de-joao10-1-10)>. Acesso em: 30 jun. 2015.

KONINGS, Johan. *Evangelho Segundo João: "Amor e fidelidade"*. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo: Vozes, 2000.

LELOUP, Jean-Yves. *O Evangelho de João*. Traduzido por João de Freitas Teixeira. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

LIBANIO, João Batista. *Ecologia vida ou morte?* São Paulo: Paulus, 2010.

MAREDSOUS, Abadia de. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Publicado sob a Direção do Centro: Informática e Bíblia, São Paulo: Edições Loyola: Paulus: Paulinas, 2013.

MATEOS, Juan; BARRETO, Juan. *O Evangelho de São João: análise linguística e comentário exegético*. São Paulo: Paulinas, 1989.

MCKENZIE, John L. *Dicionário Bíblico*. Tradução Álvaro Cunha et al.; Revisão geral Honório Dalbosco. 10. ed. São Paulo: Paulus, 2011.

MUNDO EDUCAÇÃO. *Energia Hidrelétrica*. Disponível em: <<http://www.mundoeducacao.com/geografia/energia-hidreletrica.htm>>. Acesso em: 10 ago. 2015.

PETRELLA, Riccardo. *O Manifesto da Água – argumento para o contrato mundial*. 2. ed. Tradução de Vera Lúcia Mello Joscelyne. Petrópolis: Vozes 2004.

PLOEG, J. P. M. van der. *Jesus nos fala: as parábolas e alegorias dos quatro Evangelhos*. Tradução Cônego Pedro Terra Filho. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2010.

PORTAL Comunitário Ponta Grossa. Disponível em: <<http://www.portalcomunitario.jor.br/index.php/novidades/270geral/bloco?start=35>>. Acesso em: 10 jul. 2015.

PRESBÍTEROS. Disponível em: <<http://www.presbiteros.com.br/site/comentário>>. Acesso em: 30 jun. 2015.

PREVENÇÃO ON LINE. *Os nove maiores acidentes ambientais da história*. Disponível em: <<http://www.prevencaonline.net/2010/06/os-nove-maiores-acidentes-ambientais-da.html>>. Acesso em: 20 nov. 2015.

RIBEIRO, Renato. *Sustentar a Vida* São Paulo: Edições Paulinas, 2011.

RIBEIRO, Wagner Costa. *Geografia Política da Água*. São Paulo: Editora Annablume, 2008.

RITUAL do Batismo da criança. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?isbn=8515019485>>. Acesso em: 22 ago. 2015.



SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. *Chave bíblica*: compendia quase sete mil verbetes com mais de quarenta e cinco mil referências a passagens bíblicas e cinquenta e uma biografias de personagens da Bíblia. Ed. rev. e atual. da tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1998.

WEGNER, Uwe. *Exegese do Novo Testamento*: manual de metodologia. São Leopoldo: Sinodal, São Paulo: Paulus, 1998.